



Esta série de *Cadernos* foi impressa em **papel 100% reciclado**, sujeito a pequenas variações nas cores e na qualidade de impressão.

Aliança por um Mundo
Responsável, Plural e Solidário

Cadernos de Proposições para o Século XXI

Rede Mundial
Artistas em Aliança

ARTE E SOCIEDADE

Arte e identidade cultural na construção de um mundo solidário

2ª edição, revista e ampliada

Hamilton Faria e Pedro Garcia

2003

REALIZAÇÃO

Instituto Pólis

Rua Araújo, 124 São Paulo-SP CEP 01220-020 Brasil

tel. 11 55 3258-6121 fax 55 11 3258-3260

www.polis.org.br

EDIÇÃO DOS CADERNOS DE PROPOSIÇÕES EM PORTUGUÊS

coordenação geral Hamilton Faria

coordenação editorial Janaina Mattos

texto final Pedro Garcia e Hamilton Faria

tradução do prefácio e das experiências indianas Luanda Casella

revisão da 1a. edição Thyago Nogueira, Sônia Oliveira

revisão desta edição Hamilton Faria, Janaina Mattos, Pedro Garcia

projeto gráfico Cássia Buitoni

ilustrações Marcelo Bicalho (as ilustrações foram produzidas especialmente para esta coleção)

difusão Isis de Palma (Imagens Educação) e Ruth Simão Paulino (Centro de Documentação e Informação do Instituto Pólis)

impressão Gráfica Peres

APOIO

Fondation Charles-Léopold Mayer pour le Progrès de l'Homme—FPH (Paris)

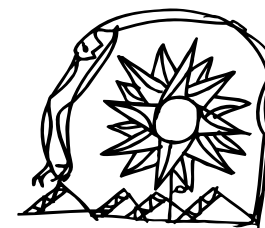
CATALOGAÇÃO NA FONTE - PÓLIS/CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO

FARIA, Hamilton e GARCIA, Pedro

Arte e identidade cultural na construção de um mundo solidário. 2. ed. São Paulo, Instituto Pólis, 2003. 132p. (Cadernos de Proposições para o Século XXI, v.1)

1. Cultura. 2. Arte Pública. 3. Política Cultural. 4. Cultura Política. 5. Identidade Cultural. 6. Cidadania Cultural. 7. Movimento Cultural. 8. Movimento Cultural. 9. Experiências Inovadoras em Cultura. I. Instituto Pólis. II. Aliança por um Mundo Responsável, Plural e Solidário. III. Título. IV. Série.

Fonte: Vocabulário Pólis/CDI



Arte e identidade cultural na construção de um mundo solidário

2ª edição, revista e ampliada

Hamilton Faria e Pedro Garcia

2003



Sumário

- 11 **Apresentação**
- 21 **Prefácio à edição indiana**
-
- 27 **Arte e identidade cultural na construção de um mundo solidário**
- 27 Contexto global
- 32 A arte como reencantamento do mundo
- 45 Arte e identidade cultural
- 50 Arte e educação
-
- 57 **Proposições**
- 57 A conexão arte-sociedade
- 58 Estimular a responsabilidade social do artista
- 59 Defender o direito à cidadania cultural
- 60 Fortalecer a diversidade cultural dos países e regiões e estimular a interculturalidade
- 61 Fortalecer a identidade cultural frente ao processo de globalização
- 63 Estimular ações de ocupação cultural dos espaços públicos pela população
- 63 Construir a cultura da paz
- 65 Fortalecer as trocas culturais entre os diversos países

67 **Experiências**

- 67 Conversas de rua
- 68 Ballet Stagium
- 70 Projeto Alagoas Presente!
- 71 Barracões Culturais da Cidadania
- 72 Museu e público especial
- 73 A consciência ecológica e a educação através da arte
- 75 Movimento Arte contra a Barbárie
- 76 Tambores pela Paz
- 80 “Se essa rua fosse minha”
- 80 Oficina Livre do Conhecimento e Escola de Protagonistas (= + ≠)
- 81 Fórum Intermunicipal de Cultura (FIC)
- 83 Projeto Porandussara
- 83 Projeto no metrô
- 84 Festival do primeiro romance
- 85 Tarace Boulba
- 85 Ateliês de portas abertas
- 86 Itinerâncias teatrais de Montreuil
- 86 Excalibur
- 87 Doual’Art
- 88 Caravana Africana pela Paz e Solidariedade
- 90 Shalom Salam Paz
- 90 Festas da Cultura

- 91 Casa Dedela
- 94 Instituto Milho Verde
- 97 *Tiens, voilà encore autre chose*
- 98 *Fireflies (Vaga-lumes)*
- 100 Tupi Arts Vivants
- 101 Poço de Vida
- 103 *A Child’s Eye* (um olho de criança), dando voz à crianças carentes
- 107 *Hear our Voice* (ouça nossa voz)
- 108 Projeto Urgência Nas Ruas
- 112 CECIP – Centro de Criação de Imagem Popular

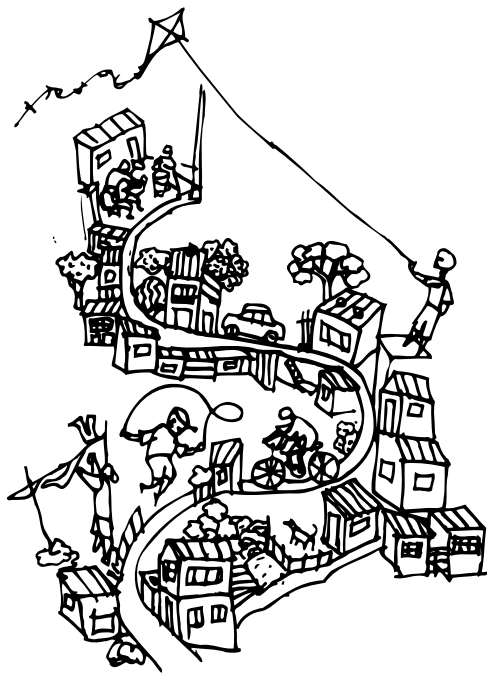
117 **Propostas**

- 117 Encontros
- 118 Comunicação
- 120 Intercâmbio
- 121 Formação
- 122 Cultura da paz

125 **Notas**

129 **Participantes**





Apresentação



Este documento foi apresentado, em sua versão preliminar, no *Encontro Mundial dos Artistas da Aliança*, realizado entre os dias 29 de abril e 3 de maio de 2001, em Itapeverica da Serra, São Paulo, reunindo pintores, poetas, escritores, músicos, contadores de histórias, animistas, escultores, produtores culturais, atores, professores de arte, entre outros, de dezessete países, enfim, um grupo bastante heterogêneo, tanto nas suas ocupações quanto nas suas origens e culturas.

Promovido pela *Aliança por um Mundo Responsável, Plural e Solidário*, e organizado pelo *Instituto Pólis*, esse encontro teve por objetivo refletir acerca do lugar da arte e do artista na construção de sociedades solidárias. A idéia de realizá-lo, visando dar um novo impulso à ainda embrionária rede dos *Artistas da Aliança*, nasceu em

uma reunião feita no Canadá, em julho de 2001. Esperava-se, com essa iniciativa — afinal coroada de êxito — que várias culturas pudessem dialogar sobre as possibilidades de atuação comum com o intuito de superar barreiras culturais para a compreensão e aceitação do outro, talvez a principal dificuldade que o planeta tem enfrentado na construção da solidariedade entre os povos. Foi com esse pressuposto que fizemos a primeira versão do *Caderno de Proposições*, intitulado *Arte e identidade cultural na construção de um mundo solidário*. Este texto, traduzido para o espanhol, o francês e o inglês, introduziu temas que foram debatidos no encontro: globalização, arte e identidade cultural, reencantamento do mundo, pluralidade e interculturalidade, cidadania cultural, o significado da arte e o papel do artista na contemporaneidade, entre outros. A leitura prévia desse documento permitiu que os participantes do seminário já tivessem em mente sugestões de linhas de debate e pudessem refletir antecipadamente sobre as mesmas. Para que o debate fosse ampliado, atingindo um número maior de pessoas, em várias partes do mundo, o *Instituto Pólis* organizou, com o apoio da *Aliança*, o *Fórum Eletrônico Mundial dos Artistas*. Algumas das falas incorporadas a este documento vieram através do fórum eletrônico.

Cabe, agora, mencionar o formato deste documento, que está dividido em uma apresentação e quatro itens: *Arte e identidade cultural na construção de um mundo solidário*; *Proposições*; *Experiências*; *Propostas*.

No primeiro deles tratamos da parte conceitual do que entendemos por *arte e identidade cultural na construção de um mundo solidário*; no segundo propomos iniciativas concretas de ação; o terceiro item contém experiências de membros da *Aliança*, e fora dela, que implementam os pressupostos contidos no primeiro item; o último lança para o futuro propostas com as linhas de pensamento e ação da *Aliança*.

Voltando à primeira versão do *Caderno de Proposições*, apresentado aos participantes do encontro em Itapeverica da Serra, gostaríamos de ressaltar que todos aprovaram as linhas básicas do texto mencionado, e sugeriram que o mesmo não sofresse alterações nos seus pressupostos.

Seguindo essa orientação, incorporamos falas dos participantes ocorridas durante os debates deste encontro, trechos das palestras de Fayga Ostrower, Octávio Ianni e Miguel Àngel Echegaray, fragmentos de pensamentos de autores que achamos compatíveis com as linhas



mestras deste *Caderno*, além de um item sobre arte e educação, que não constava do texto original mas que, no decorrer do encontro, foi um dos centros do debate.

Procuramos equilibrar — neste documento — os princípios que orientaram nossas reflexões com as experiências que os concretizam, visando com isso enfatizar que as idéias nele contidas têm consistência na realidade social.

É importante ressaltar que embora este documento tenha buscado incorporar as idéias de todos aqueles que participaram desses debates, ele foi feito por duas pessoas, o que equivale a afirmar que a maneira de selecionar e articular essas contribuições tem sua particularidade. Alguns se sentirão mais e outros menos representados. Isso é inevitável porque somos múltiplos. A impossível tentativa de contemplar todos de uma forma igualitária criaria um documento confuso e pouco útil para quem quer que fosse. Qualquer olhar, por mais universalista que se pretenda, terá suas próprias “lentes”.

Quando falamos em mundo, nos perguntamos: quem fala? de que mundo falamos? Terá o mesmo sentido para um árabe, um japonês ou um boliviano? certamente não. Nessa linha, por maior que seja a tentativa de universalizar nossa proposta, é importante contextualizar

nossos pontos de vista. Essa relação entre o universal e o particular, principalmente em termos de valores, é sempre tensa e difícil de equacionar. Seja como for, tentar colocar-se no lugar do “outro”, sem necessariamente abdicar do que se é — pensando sempre que as identidades são mutáveis —, é uma postura salutar. Foi o que tentamos fazer.

Acreditamos que a idéia da globalização (mundialização) deve ser vista não só em seus aspectos perversos mas, também, em suas possibilidades de confraternização e solidariedade. O uso de uma ferramenta como o fórum eletrônico é um exemplo, ainda que ínfimo, de como isso é possível.

É importante ressaltar que a arte não se dá em um espaço vazio. Os aspectos econômicos, políticos e culturais que com ela interagem conformam-na de uma certa maneira, assim como ela também interfere nesses campos. Portanto — embora a arte tenha um papel relevante —, não podemos superestimar sua potencialidade transformadora. O importante, no caso, é fazermos, do melhor jeito, a nossa parte, conhecendo a realidade que nos cerca, sabendo o que a história já nos mostrou: que a arte pode ter um direcionamento político e ético em uma direção oposta à que pretendemos, como foi, por exemplo, a arte nazista.

O campo da arte é vasto e implica inúmeras conceituações, assim como o papel do artista. Fayga, a excepcional artista que faleceu recentemente, pouco mais de três meses após ter aberto o nosso seminário, no que pode ter sido a sua última apresentação pública, nos fala da arte como o elo dos seres humanos entre si e com o cosmo. Pensamos que nisso está implícito a arte como afirmação de Eros, afirmação de vida, que se opõe a Tântatos, à destruição e morte que hoje se configuram na sociedade em que vivemos.

E para terminar, criamos um diálogo fictício que bem poderia ter ocorrido:

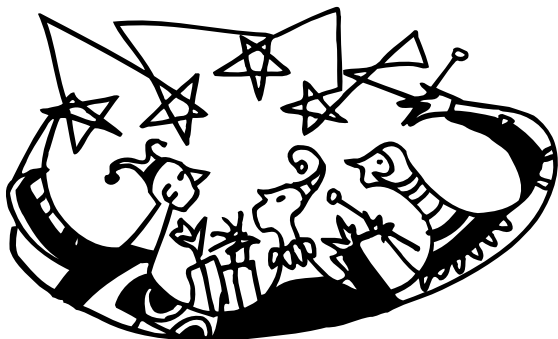
- O que vocês pretendem?
- Reinventar o mundo, colocando a arte a serviço dessa mudança. Mudança que é, antes de tudo, afirmação da vida.
- Não é uma utopia, no sentido do irrealizável...?
- Talvez. Mas é necessário desejar o impossível para que se amplie o campo do possível.
- E aonde se pretende chegar?
- Temos um ponto de partida, não um ponto de chegada. O ser humano está em contínua construção. Acreditamos que a caminhada



servirá de bússola para o que desejamos. E é bom que se diga: já iniciamos essa viagem.

- E quais os pressupostos dessa mudança?
- Acreditamos que o imaginário cumpre um papel importante. Tanto na criação através da arte como na arte que busca recriar o mundo.
- E como isso é possível?
- A educação cumpre aí um papel fundamental. Aliada à arte, como já ocorre em várias experiências, ela cria novos agentes de transformação e multiplica o raio de ação desse movimento.
- E como comunicar isso ao mundo?
- Cremos que os novos meios de comunicação facilitarão essa tarefa.
- É uma tarefa enorme...
- Certamente para várias gerações, mas é necessário que façamos, agora, a nossa parte.

Hamilton Faria e Pedro Garcia

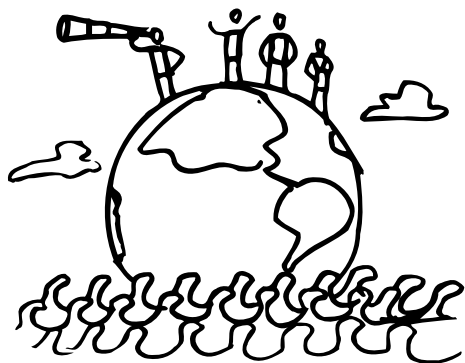


O grande perigo, o grande absurdo, contido no desenvolvimento liderado pela tecno-ciência, em todas as direções, porém sem 'controle', não pode ser descartado por decreto nem tornar-se válido para todos. Tampouco por uma 'companhia de homens sábios' que poderiam com facilidade tornarem-se instrumentos — se não o próprio assunto — da tirania. Precisamos de mais do que uma "reforma do entendimento humano"; é uma reforma do próprio ser humano como um ser social e histórico, uma ética da moralidade, uma superação da Razão. Nós não precisamos de alguns "sábios". O que precisamos é que um número cada vez maior de pessoas adquiram e pratiquem sabedoria — algo que, por sua vez, demanda uma transformação radical da sociedade política, o estabelecimento não apenas da participação formal mas o desenvolvimento do entusiasmo de todos pelos assuntos ordinários. Como sabemos, homens sábios são os últimos a serem produzidos pela cultura contemporânea.

— Então, O que você quer? Mudar a humanidade?

— Não, algo um pouco mais modesto: que a humanidade se transforme a si própria, assim como já fez duas ou três vezes.

Cornelius Castoriadis¹



Prefácio à edição indiana

Quando valores são produzidos para servir ao mercado global em todas suas formas, podemos estar correndo o risco de estar nos aproximando de um mundo sem cultura, pois a cultura, a nosso ver, é produzida através de uma criatividade e interação humanas multi-dimensionais. Seu objetivo não é uni-dimensional (apenas para justificar o mercado), mas múltiplo, integrando nossas alegrias e sofrimentos, sonhos e falhas, nossas relações de trabalho, nossas artes, artesanatos, poesia e toda a sutileza de nosso dia-a-dia que tece a rica tapeçaria da vida.

A *Aliança por um Mundo Responsável, Plural e Solidário* é um movimento que tem procurado olhar para as áreas mais críticas dos esforços humanos, buscando tornar nossas sociedades mais justas e democráticas, mais sustentáveis ecologicamente e mais criativas.

Este livro é um de muitos que foram produzidos por grupos da *Aliança* como parte da urbanização global para a *Assembléia Mundial de Cidadãos* ocorrida em Lille, França, em Dezembro de 2001.

Havia mais de 400 intelectuais, líderes políticos, cientistas, executivos, líderes sindicais, agricultores, jovens, artistas, líderes religiosos, entre outros presentes na assembléia de Lille, onde experiências foram apresentadas como material de embasamento. Estas experiências foram revisadas para publicação e estarão disponíveis em seis idiomas, em vários países do mundo.

Esta brochura, “Reencantando o mundo”, foi organizada por Hamilton Faria e Pedro Garcia. É o resultado de um trabalho coletivo realizado por muitas pessoas, de diversas partes do mundo. Proporciona uma leitura vibrante e simultaneamente oferece um caleidoscópio global da nossa crise cultural, apontando possibilidades para o desenvolvimento de atividades e cultivo de valores que desempenham um papel chave no processo de reencantamento do mundo.

Quando pesquisamos a cena sul asiática, vemos que a identidade cultural tornou-se uma questão primordial na maioria dos países. Parece que a globalização criou um mundo despido de significado íntimo e visão de propósito. Para sobreviver nestas searas de lixo cul-

tural criadas pelos processos do mercado, os seres humanos estão se fechando em qualquer coisa que lhes dê um senso de comunidade e identidade. De fato os dois estão relacionados. Na melhor das hipóteses, o fenômeno da identidade pode ser visto como algo que dá ao indivíduo, que está cada vez mais privado de referências mais profundas, um senso de pertencimento a algum lugar neste vasto mundo. Isto não quer dizer que ‘identidade’ seja um caminho satisfatório para fugir do mal-estar. Às vezes ela está relacionada à etnicidade e à raça, outras vezes ao nacionalismo e à religião. Na pior das hipóteses, a busca pela identidade conduz a sistemas fechados, fundamentalismos religiosos e etnocídio.

As questões que este livro levanta têm a ver com o papel das culturas no reencantamento de nossas vidas, não como modo de escapar da opressão e da monotonia do presente, mas como um processo criativo onde mudamos as condições que levam à opressão e monotonia. Felizmente, nenhuma panacéia instantânea é oferecida, o que seria de nenhum valor em um mundo complexo e plural onde comunidades locais, nacionais, regionais e globais têm de explorar direções que dependem de uma conjuntura particular e do contexto estrutural no qual vivem.

Falando sobre a realidade da Índia e Sul da Ásia, devo acrescentar que existem paralelos e diferenças em relação ao resto do mundo. Enquanto em algumas partes do mundo procura-se soluções seculares para a superação da intrusão dos valores comerciais em suas culturas, no Sul da Ásia nós talvez estejamos buscando recursos na religião. Para nós, a religião não é necessariamente um modo de mudar as regras do mercado atual dirigido para a estrutura e funcionamento social, antes é um mecanismo de tolerância. É um contexto onde forças políticas oportunistas esperam gerar uma mobilização em torno da religião, normalmente criando uma ‘religião inimiga’ ou uma comunidade étnica como responsável pelo estado de degeneração no qual se encontram. Os mais vociferosos dentre eles defendem uma forma autoritária de sociedade guiada por uma visão estreita de religião.

Obviamente, este não é o caminho para o reencantamento da sociedade.

O contexto das religiões da Ásia do Sul provê significado e propósito.

Porém, valores religiosos devem estar profundamente imbuídos do respeito pelo ‘outro’ e vontade de diálogo. A mente fechada da religião, seja ela proveniente de qualquer tradição, sustenta uma ameaça grave ao bem-estar mais amplo da sociedade. Mahatma Gandhi mostrou

que podemos ser inspirados pela religião e ao mesmo tempo ter uma visão de mundo pluralista. Culturas seculares não-religiosas, imbuídas de grande dimensão ética, também são vitais para a saúde do discurso cultural mais amplo. As mentes religiosas acabam se fechando ao rejeitar os modos seculares de pensamento. A pessoa secular sensível é também profundamente espiritual.

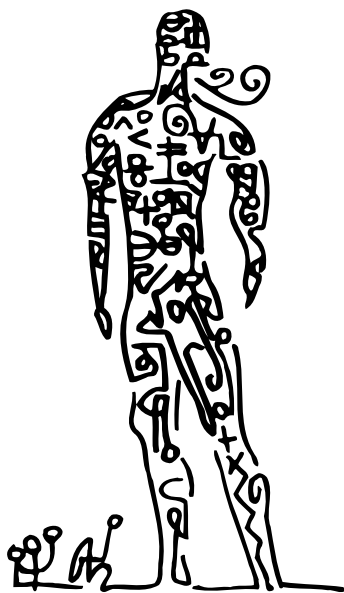
A vida só vale a pena ser vivida se encontrarmos nela o encantamento.

E o encantamento é transmitido principalmente através de interação e criação culturais. A prosperidade da vida deve começar a fluir novamente através da ação de milhões de pessoas que, em todo o mundo, estão dizendo ‘não’ à manipulação e à cooptação de nossos valores mais profundos por parte das energias do mercado neo-liberal.

Este é talvez o maior desafio do século vinte: como viver vidas com compaixão, justiça e participação.

Estas são as pré-condições para o desenvolvimento das culturas que poderão nos reencantar, ajudar a construir uma nova forma de globalização que seja mais cuidadosa e ecologicamente sustentável.

Siddhartha
Fireflies Ashram
Bangalore, India



Arte e identidade cultural na construção de um mundo solidário



Contexto global

Nos tempos que correm os acontecimentos se precipitaram e as nossas categorias se tornaram pobres para entendê-los. Queda do muro de Berlim, fracasso do socialismo real, aids, neonazismo, intolerância étnica, o 11 de Setembro, a guerra no Iraque, exclusão social, enfim, sinalização de barbárie no âmbito mundial.

Como nos diz a *Carta aos Candidatos*, do *Fórum Intermunicipal de Cultura*, um “dos resultados negativos da globalização é um amplo desenraizamento que desfaz modos de vidas locais, expropria milhões de seres humanos de suas referências culturais e de suas próprias vidas. Assim, todo um processo cultural entra em decadência

e, em troca, é oferecido um padrão fabricado pelo consumo, que tem na mídia um emulador permanente, pasteurizando todo e qualquer tipo de diferença”.²

A este tempo que estamos vivendo deu-se o nome de pós-moderno. Nome vago, que anuncia que algo foi ultrapassado, que estamos em outro momento, embora não saibamos exatamente qual e o que isso significa. Parece ser consensual que atravessamos uma crise. Não só econômica ou social. Trata-se de algo bem maior, trata-se de uma crise civilizatória. A palavra “crise” tanto pode significar a erosão de algo construído, que entra em decadência, como o momento propício para a renovação, para a reinvenção.

No nosso caso — e aqui pensamos em uma perspectiva do Ocidente —, perdemos os paradigmas que nos davam referência. A impressão geral é pessimista. Mas não será esse apenas um dos lados da moeda?

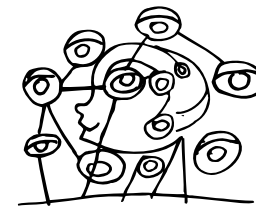
Eduardo Prado Coelho, pensador português contemporâneo, questiona o significado do “vazio de idéias”, que usualmente se liga à “crise de paradigmas”: “Vazio de idéias? Alguns supõem que sim. E tendem a traçar um quadro mais ou menos desolador dos tempos em que vivemos. Estaríamos sem teto e entre ruínas — para utilizarmos uma ex-

pressão que a literatura consagrou. Segundo a perspectiva considerada mais ‘progressista’, a paisagem depois do comunismo seria a de um deserto que cresce. No limite de todos os desmantelamentos, aguarda-se, em atitude de súplica, a improbabilidade do milagre. Outros, mais conservadores, mais vinculados a uma aristocracia do espírito, vêem com verdadeiro horror os nivelamentos e banalizações de uma cultura massificada e de uma escola em incessante degradação. Outros ainda, perturbados com a invasão de uma tecnociência que supõem acéfala, entrevêm no horizonte os sinais aterradores do niilismo e da barbárie. No entanto, através do próprio desastre, nessa perda dos astros reguladores, que todo o desastre é, alguma coisa se move que, se nos incitarmos a seguir o fio tênue desse movimento, nos poderá conceder um pouco de alegria e deslumbramento — o enigmático sorriso de um virar de século. Poder-se-á suspeitar que, quando se fala em ‘vazio de idéias’, o que se lamenta é fundamentalmente isto: não existem hoje idéias que salvem, nem idéias que fundamentem. Por outras palavras: nenhuma idéia nos assegura a salvação, nenhuma idéia é portadora de uma verdade que salve, nenhuma idéia nos dispensa de sermos nós próprios e criarmos o nosso modelo e itinerário de salvação. E ainda: nenhuma idéia é suficientemente forte para fundamentar uma

prática, para funcionar como ciência rigorosa da *práxis*. Sem astros que nos guiem, sem uma ciência de navegação que seja preciso apenas *aplicar*, avançamos agora num mar de surpresas e incertezas”.³

Isso nos faz perguntar: será que as certezas que tínhamos, que se revelaram falsas, são melhores que a incerteza com a qual navegamos atualmente? Perda ou liberação? Cremos que ambas. Perda porque muita esperança se depositou no que se perdeu. Liberação porque, livres das amarras de um projeto predeterminado por pressupostos rígidos, estamos abertos a novas aventuras.

Segundo Octavio Ianni, é “no âmbito do globalismo que se institui, em uma forma nova, evidente e surpreendente, o significado da história mundial. São tantos e tais os vínculos, as acomodações, as tensões e as fragmentações que se desenvolvem em escala mundial, que já se pode falar em formação de uma sociedade civil mundial; em primórdios de um real cosmopolitismo das coisas, gentes e idéias; na constituição do globalismo como um novo e surpreendente palco da história, em termos de modos de ser e mentalidades, formas de sociabilidade e de pensamento, jogos de forças sociais e lutas de classes, guerras e revoluções; em novas modalidades de espaço e tempo; em um novo paradigma das ciências sociais, filosofia e as artes”.⁴

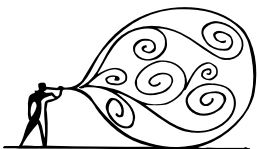


Em suma, rompem-se as fronteiras de mercado, criam-se circuitos financeiros, abrem-se possibilidades de ir e vir, intensificam-se trocas comerciais, científicas e culturais. Se esse processo, por um lado, favorece uma aproximação dos povos e o estabelecimento de redes de direitos humanos e de solidariedade e propósitos de paz no mundo — além da possibilidade de construção de um verdadeiro diálogo intercultural, ainda por se formar —, traz, em contrapartida, imensos impactos negativos sobre a vida no planeta e sobre a autodeterminação dos povos. À medida que entra em curso o declínio do Estado-nação, reforçam-se poderosas estruturas mundiais de poder, como é o caso do FMI.

Essa situação tem como conseqüência trágica a formação de ilhas de prosperidade e imensos oceanos de miséria, descaracterizando culturas ao impor-lhes ritmos acelerados a partir de uma tecnologia sofisticada não compatível com a condição sociocultural da maioria dos povos.

Por outro lado, como nos lembra Michel Sauquet, os problemas de injustiça social, de exclusão e de identidade cultural não estão, necessariamente, ligados à mundialização, já que são da “natureza humana, sempre confrontada com o niilismo e a barbárie”.

Vivemos em um mundo de extrema desigualdade em que coexistem alta tecnologia e analfabetismo, abundância e fome, engenharia genética e mortes por desnutrição. Na luta entre Tântatos e Eros é necessário fazer opções. Em termos simples e radicais: ou reinventamos a sociedade ou cairemos na barbárie. Os mortos do 11 de Setembro em Nova York e a fracassada invasão do Iraque já nos advertem para uma iminente barbárie da civilização.



A arte como reencantamento do mundo

Max Weber, em um texto denominado “A ciência como vocação”, definiu o desencantamento do mundo como a possibilidade de o homem dominar todas as coisas através do cálculo. Nesse mundo desencantado, os sentidos da existência, do tempo e do conhecimento tomaram outros rumos. A noção de progresso, que contempla um tempo linear e sempre melhor, perdeu a sua força.

O que seria o mundo encantado? Mircea Eliade nos fala de civilizações em que o mito era plenamente vivido. O mundo se comunicava com o homem, e o homem o reconstruía, e reconstruía a si mesmo,

através da linguagem dos símbolos. Tudo tinha sentido nesse cosmo vivo: o mundo se revelava por meio da linguagem, longe do desencantamento que veio se processando na cultura ocidental.

Nietzsche, em *O nascimento da tragédia*, ao estabelecer a relação entre ciência e mito, nos fala do aniquilamento deste último, fato que determina a expulsão dos poetas da República. Poetas, entenda-se: sonhadores, criadores de utopias, santos e outros da mesma estirpe — toda uma tribo errante, perambulando pelo mundo e carregando o facho do reencantamento. Reencantamento que não é uma volta a um passado mítico, embora se possa pensar em um mito restaurado que reaproprie o presente naquilo que o presente ofereça como possibilidade de encanto.

Talvez devêssemos fixar o que perdemos para, depois, estabelecer o que podemos reconquistar. Em termos de linguagem, perdemos a inocência.

O que queremos dizer com isso? Que ficou vazio de sentido o que enunciamos, razão pela qual é necessário reencontrar a verdade da palavra: a união da palavra com a coisa enunciada. Algo que as crianças conservam, até perceberem que a palavra é distinta da coisa.

Antes da invenção da escrita a palavra oral instaurava os fatos

presentes, preservava o passado e prognosticava o futuro. Nomear significava fazer existir. O ser habitava a linguagem. E os senhores da palavra dominavam os acontecimentos. Daí a plenitude da poesia e o poder da palavra.

Um dos textos mais antigos de que temos conhecimento, o “Poema babilônico da criação”, nos fala de “quando no alto o céu ainda não havia sido nomeado e embaixo a terra firme não havia sido mencionada por seu nome (...) quando os deuses não haviam sido criados, nem nenhum nome havia sido pronunciado, nem nenhum destino havia sido fixado(...)”. Nenhum nome pronunciado: céu, terra, homem, deuses, destino. Nomear para dar existência. Cinco mil anos antes de Cristo, os babilônios fixaram essa verdade. Desde então trilhamos um longo caminho em que a linguagem foi perdendo a sua força. E como diz Elie Wiessel: “quando a linguagem fracassa, é a violência que a substitui. A violência é a linguagem daquele que não se exprime mais pela palavra. A violência é também a linguagem da intolerância, que gera o ódio”.⁵ Por isso é necessário restaurar a potência criadora da linguagem. Para Calvino, o “justo emprego da linguagem permite o aproximar-se das coisas (presentes ou ausentes) com discrição, atenção e cautela, respeitando o que as coisas (presentes ou ausentes) comunicam sem o recurso das palavras”.⁶

Através da criação, da arte, talvez se propicie novamente esse encontro do homem com a linguagem. Nesse sentido, é importante reafirmar que arte e criação não se encontram apenas nesta figura recentemente criada, o artista, mas no homem em sua plenitude. Para isso, é necessário virar o mundo de cabeça para baixo. Inverter a proposição de que ser é ter. Buscar o lúdico no cotidiano. Olhar o mundo com espanto. O espanto de estar vivo, tão misterioso quanto o não-ser. Mas vamos aterrissar em nosso *chantier*, buscando dialogar com os companheiros da tribo.

Em um documento enviado como contribuição aos debates do *Encontro Mundial dos Artistas da Aliança*, Gustavo Marin questiona: “*En las crisis de las diversas civilizaciones a las que asistimos a fines del siglo XX, pueden el arte y los artistas ser un medio para que los pueblos vivan en paz en un mundo de diversidad?*”

Nessa mesma linha, Michel Sauquet observa que “todo o mundo está de acordo acerca do papel da arte para reencantar o mundo”, a questão é “ver como o reencantamento intervém concretamente para o desenvolvimento social, para a redução das injustiças e desigualdades e na luta contra a exclusão”.

Olivier Petitjean, no seu texto “*L’art, l’artiste et l’identité culturelle dans la construction d’un Montreuil solidaire*”, nos fala da cidade

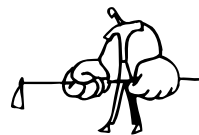


onde mora, Montreuil, contando — a partir de uma experiência concreta — como as práticas artísticas podem modificar a percepção dos problemas sociais e ser um fator de inovação.

Marin, Sauquet e Petitjean colocam, cada um a seu modo, questionamentos acerca da reinvenção do mundo através da arte.

Talvez tenha chegado o momento, como afirma Cristovam Buarque, dos artistas e dos pensadores, “depois de décadas de domínio dos economistas. Estamos entrando em um tempo de poetas, dramaturgos e escritores, que, pela intuição, denunciem e formulem; de pensadores que, pela análise, critiquem e proponham uma visão ampla do drama humano e nacional”.⁷

Estará se cumprindo essa profecia? Vimos alguns prenúncios em notícias aleatórias, de origem variada, que surgiram no espaço de poucos dias, enquanto redigíamos este documento. Em 17 de agosto de 2001, o jornal carioca *O Globo* ostentou a manchete: “Poesia no tratamento de usuários de drogas”. Referia-se ao projeto de uma instituição que pretende revolucionar o tratamento de jovens dependentes de drogas: o *Centro de Atenção à Drogadição Raul Seixas*. A idéia — afirma o então coordenador de Saúde Mental do município do Rio de Janeiro, Hugo Fagundes — é que o *Centro Raul Seixas* seja



um clube de jovens, com atividades que permitam a eles perceber que é possível atravessar a juventude com horizontes diferentes da satisfação imediatista, da atração pela droga, do bombardeio consumista e do sonho impossível, como o tênis *Nike*. Em suma, uma tentativa de substituir a evasão buscada na droga pelo imaginário da poesia... Um belo projeto.⁸

Lemos no *Jornal do Brasil*, de 17 de agosto de 2001 uma reportagem com o título: “A cultura desafia a realidade. Projetos em comunidades carentes se multiplicam no Rio transformando a arte em alternativa para o cotidiano e matéria-prima para o futuro”.

Nessa matéria, uma jovem de 21 anos, Cláudia Martins, que participa de um grupo de dança, afirma: “Demorei para descobrir que não é porque moro numa favela que tenho que estudar até o segundo grau e ser secretária ou atendente. Hoje sei que posso ser bailarina, fazer uma faculdade e ter a dança como meio de vida. Esse trabalho mudou a minha percepção da realidade”.⁹

“Ciência para poetas” é um curso da *Casa da Ciência*, da *Universidade Federal do Rio de Janeiro*, que teve início em setembro de 2001, abrindo espaço para que artistas, cientistas e o público interessado pudessem trocar idéias sobre teatro, ciência e divulgação científica.

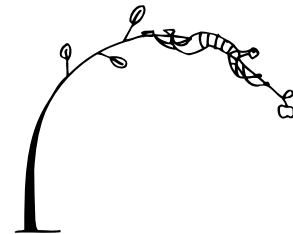
No folder, o propósito desse evento: “Nas artes e nas ciências o homem cria seu caminho, inventa o infinito e a aventura de sua busca. O que une arte e ciência é o sentimento de que, quanto mais se anda, mais falta para andar [...]”

Cristovam Buarque afirma que será “preciso voltar aos fundamentos dos valores humanos, subordinando a técnica à ética numa nova lógica, capaz de entender o homem e o resto da natureza como parte de um todo e de redefinir os conceitos de liberdade e de igualdade nestes tempos das *grandes e independentes máquinas* que substituem o trabalho humano e destroem o meio ambiente. Será preciso, sobretudo, imaginação para inventar um novo conceito de riqueza sem as amarras da economia, usando esta última apenas como um instrumento”.¹⁰ Essa conversão do homem para uma lógica, que não a do capital, precisa se impor.

Mas voltemos à poesia.

Segundo Octavio Paz, não existe uma sociedade sem poesia nem uma poesia sem sociedade. Entenda-se poesia em seu sentido lato, como o povoamento do mundo pela arte.

Para Paz, uma “sociedade sem poesia careceria de linguagem: todos diriam a mesma coisa ou ninguém falaria”, já uma poesia sem so-

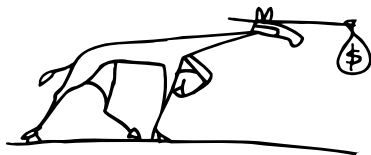


cidade “seria um poema sem autor, sem leitor e, a rigor, sem palavras. Condenados a uma perpétua conjunção que se resolve em instantânea discórdia, os dois termos buscam uma conversão mútua: poetizar a vida social e socializar a palavra poética. Transformação da sociedade em comunidade criadora, em poema vivo; e do poema em vida social, em imagem encarnada.

Uma sociedade criadora seria uma sociedade universal em que as relações entre os homens, longe de ser uma imposição da necessidade exterior, fossem como um tecido vivo. [...] Essa sociedade seria livre porque, dona de si, nada exceto ela mesma poderia determiná-la; e solidária porque a atividade humana não consistiria, como hoje, na dominação de uns sobre outros (ou na rebelião contra esse domínio), mas buscaria o reconhecimento de cada um por seus iguais ou, melhor, por seus semelhantes”.¹¹

Borges expressa muito bem o sentido visceral da poesia ao dizer que ela não acontece apenas intelectualmente, mas atinge o homem em todo o seu ser.¹²

Nietzsche diz algo similar. Segundo ele, só a arte tem o poder de produzir representações da existência que nos possibilitam viver.¹³ São essas representações — terreno fértil para a criação artística — que,



passando pelos imaginários individual e coletivo, nos possibilitam reinventar o mundo.

É essa dimensão fundadora da arte que necessita ser resgatada, porque — como nos diz Fayga Ostrower — “quando o homem moldou a terra moldou a si mesmo”. Construiu, digamos, a sua própria imagem. Há aí algo de misterioso embutido em uma pergunta de Fayga: “Que tipo de linguagem é esta que não precisa de interpretação e comunica há milênios sem perder o núcleo da expressividade?”

Talvez esse enigma sem resposta possa nos guiar na busca de um outro padrão de existência, reformulando o imaginário que alimenta nossos desejos. O que buscamos depende, além das circunstâncias que nos cercam e dos imponderáveis, de vontade e ação. Ousar fazer. É no fazer, com seus erros e acertos, que poderemos construir uma nova forma de vida mais igualitária, criativa e feliz.

A arte que, através do tempo, tem sido o registro de várias civilizações, documento e testemunho, desempenha um papel fundamental no desenvolvimento humano e cultural. Hoje, mais do que nunca, com a crise civilizatória, e o conseqüente monoteísmo da razão, a linguagem da arte talvez seja das poucas que fala diretamente ao coração das pessoas, particularmente dos jovens. Além de impulsionar

transformações sociais, pode contribuir para reencantar o mundo a partir do estabelecimento de fortes trocas simbólicas e formar, assim, uma comunidade de emoção.

Heráclito afirma que a morada do homem é o extraordinário. Extraordinário que, em grande medida, o homem contemporâneo perdeu com a perda do cosmo, conforme disse em algum lugar D. H. Lawrence. Como nos religar ao cosmo? Ou, como nos interroga Vanda Chalyvopolou: como vamos encontrar outra vez a sensação mágica das coisas?

Já que, segundo Borges, “a beleza está à espreita por toda a parte”¹⁴, é necessário promover mais encontros com ela. Talvez na dimensão que nos sugere Bené Fonteles quando questiona a produção da arte só para a sensação dos sentidos: “Por que produzir uma arte só para a sensação dos sentidos quando o discernimento da mente e da alma nos pede mais responsabilidade com a matéria, a palavra, o pensamento e a obra? O que a arte nos exige é um exercício sensitivo e intuitivo para uma nova forma de perceber, estar e pertencer ao mundo, aquele que neste milênio se prepara para compreender as outras dimensões que a ciência já experimenta ou visiona”.¹⁵

Embora o materialismo impregne a vida do homem ocidental, ele nunca se liberou do sagrado que — segundo Mircea Eliade — alimenta

o seu inconsciente constituído de figuras carregadas de sacralidade. Em certos casos — afirma ele —, o comportamento do artista ante a matéria reencontra e recupera uma religiosidade de tipo extremamente arcaica, desaparecida há milênios do mundo ocidental.

Não será esse o caso que nos relatou Bené Fonteles acerca da explicação de um artista popular sobre a sua escultura de um elefante? “Eu peguei a madeira, escutei a madeira, ouvi o que queria dizer e tirei tudo o que não era elefante.”

A arte possibilita inúmeras interpretações. Brice Parfait, também participante do encontro dos artistas, afirma ser a arte o “último degrau do conhecimento”, e o artista o “mensageiro do invisível”. Para Kolakowski a arte é “um modo de perdoar a maldade e o caos do mundo”. Segundo ele a “arte organiza as percepções do mau e do caótico, introduzindo a compreensão da vida de maneira tal que a presença do mal e do caos se converte na possibilidade de minha iniciativa com respeito ao mundo, que leva em si mesmo seu próprio bem e seu próprio mal.

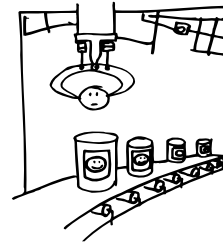
Para que possa ser assim, a arte deve descobrir no mundo o que sua aparência não proporciona, ou seja, o encanto secreto de sua feiúra, a deformação oculta de sua graça, o ridículo de sua elevação, a

pobreza do luxo e o custo da pobreza; em uma palavra: deve descobrir todas as fibras secretas sufocadas pelas qualidades empíricas e que as convertem em partículas de nosso fracasso ou de nosso orgulho”.¹⁶

A arte nos permite, como o mito, tocar o mistério do mundo, sua ludicidade, prazer, alegria. Permite-nos penetrar no desconhecido em busca de respostas parciais, sempre parciais, que mantêm o *élan* do viver. E isso ligado, também, a uma busca de soluções para os problemas que nos atropelam e ameaçam a nossa própria sobrevivência. Sobrevivência que, para ser válida, tem que ser digna. Vale dizer, tem que ser compartilhada, em um mundo que valha a pena ser vivido.

Às vezes, nos esquecemos que, além da carência de bens materiais, que causa a miséria e a morte de milhares de pessoas, temos carência de bens simbólicos e espirituais. Na confluência dos bens simbólicos e espirituais, temos a arte, que impulsiona relações entre pessoas e grupos, renovando vivências, laços de solidariedade, criando imaginários e poéticas imprescindíveis para o conhecimento do outro e de si mesmo. Nesse sentido, desenvolver-se com arte pode tornar a nossa vida mais alegre e o nosso olhar mais sensível à realidade cotidiana. Pode contribuir para a criação de um rico imaginário, apoiado nas raízes e na criatividade coletiva do presente; e resgatar





Arte e identidade cultural

Kobena Mercer afirma que “a identidade se transforma numa questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é movido pela experiência da dúvida e da incerteza”.¹⁷ E o que é “movido pela experiência da dúvida e da incerteza” é quem sou. Em tempos de clonagem, quando o homem alardeia a possibilidade de criar outros seres, através da engenharia genética, por em pauta de discussão o tema da identidade faz todo o sentido.

Qual o impacto da globalização sobre a identidade cultural? Giddens afirma que “à medida em que as regiões diferentes do globo são postas em interconexão umas com as outras, ondas de transformação social alcançam virtualmente toda a superfície da terra”.¹⁸

Essa tendência a uma homogeneização cultural, vinculada por um mercado global que alcança a privacidade das casas através dos aparelhos de tevê, constrói um imaginário coletivo por meio de um chamado de consumo, que atinge quase toda a “aldeia global”.

Stuart Hall afirma que “foi a difusão do consumismo, seja como realidade, seja como sonho, que contribuiu para este ‘supermercado cultural’. Dentro do discurso de consumismo global, as diferenças e

poéticas que dão um sentido à vida em comunidade pela alegria, o lúdico, a imaginação.

Assim como a arte, a figura do artista é central nas sociedades contemporâneas: construtor de identidades sociais e imaginários, referência existencial e, muitas vezes, mítica. Enfim, são pessoas especiais nos vários contextos, tanto como agentes da alienação, usando a arte como sistema de manipulação, quanto como agentes em busca de um mundo plural, solidário e responsável.

E já que estamos falando do artista, encerramos este item com a fala de Makarand Paranjape: “O artista pode ajudar a construir as condições necessárias para a mudança do mundo. Isto pode ser realizado não se retraindo em uma torre de marfim, mas fazendo a arte mais acessível para as pessoas comuns, liberando-se das amarras das forças do mercado, e também trazendo à tona a criatividade escondida das pessoas”.



as distinções culturais que até então definiam a identidade, estão reduzidas a uma espécie de língua franca internacional ou de moeda global, à qual podem traduzir-se todas as tradições específicas e todas as identidades diferentes”.¹⁹

Nesse cenário hegemônico cresce a importância da questão das identidades culturais de países e regiões frente ao avassalador processo liderado pelo chamado “pensamento único”. Os povos situados fora do eixo Europa-América sofrem ainda mais porque, portadores de uma “cultura de raiz”, mais compatível com o desenvolvimento humano, são pressionados por dinâmicas externas com forte impacto no seu desenvolvimento cultural.

Ao compartilharmos deste tipo de avaliação crítica, em que a cultura do “outro” é vista como espetáculo ou mercadoria exótica, não estamos defendendo a “pureza” das manifestações culturais, pois sabemos que a vitalidade dessas culturas está na sua dinâmica de atualização. Atualização que não pode se fazer ao preço da perda da identidade.

A identidade, sabemos, é plural e está em permanente mutação. O que não pode ocorrer é a sobreposição de culturas ditada pelas normas dos mais fortes, tornando as mais “fracas” pitorescas e deslocadas de sua verdadeira origem.

Este movimento pendular entre conservar e mudar nem sempre encontra sua “justa medida”. Em alguns casos, a tendência à homogeneização, produzindo o seu oposto, pode levar um grupo étnico a um exagerado nacionalismo acompanhado de ortodoxia religiosa.

Por outro lado, há casos em que o processo de transculturação potencializa as identidades locais, como ocorreu com os indígenas equatorianos, que construíram um amplo circuito planetário de apoio e reconhecimento à sua identidade. Algo na linha do que Miguel Ángel Echegaray chamou de “glocalidade” — neologismo formado pelas palavras “globalização” e “localização” — reconhecendo que o local e o global não devem se excluir mutuamente, já que o local é um aspecto do global.²⁰

Grande parte dos afro-descendentes do Brasil têm reafirmado valores e processos educativos negros incorporando em seu trabalho novas tecnologias do mundo ocidental, como propõe Octavio Paz: recuperar o passado e integrá-lo no presente, reivindicando a totalidade da existência humana (a tradição e a experimentação, o novo e o ancestral, o universal e o local).

A transculturação deve buscar o enriquecimento humano e as trocas culturais, jamais a redução da vida a uma linguagem e estilos universais.

Não desejamos a globalização que procura nos uniformizar e nos transformar apenas em consumidores, eliminando a diversidade e o reconhecimento do outro, mas a globalização que aproxime povos, proporcionando trocas de saberes e possibilitando vivências fortalecedoras da nossa fraternidade.

O mundo no futuro deve afirmar a diversidade: um mundo repleto de outros mundos. Como disse Boaventura Souza Santos: “Tenho direito de ser diferente toda vez que a igualdade nos homogeneiza. Tenho direito de ser igual toda a vez que a diferença nos inferioriza”. Ou em versão análoga, dita por Terena, líder indígena do Brasil: “Eu posso ser quem você é sem deixar de ser quem sou”.

A busca do universal passa pelo particular. Somente me constituindo como sujeito posso aspirar a igualdade na minha relação com o outro. E a arte cumpre um papel nesse sentido. Dizendo quem sou, através do que faço, dialogo com os outros em um processo poroso que permite interpenetrações criativas, por meio de formas, sons, cores e palavras.

Criar é inerente à condição humana. O ser humano se percebe e se reconhece naquilo que cria, transformando as coisas, dando-lhes um sentido, um significado. E, ao transformar as coisas, os seres humanos se transformam.

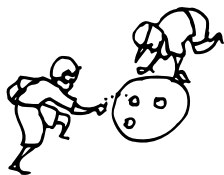
Somos todos criadores potenciais, e a arte, em suas múltiplas dimensões, é um campo incomensurável de possibilidades para o exercício de criação.

A arte nos proporciona poder vivenciar a diversidade cultural e possibilita que nos (re)conheçamos nesse processo criativo. Extirpando o etnocentrismo que nos conduz a visões estereotipadas do outro, incorporamos, pela arte, a nossa pluralidade, com suas diversas formas de construir e reconstruir o mundo. Vale dizer que, nesse processo, as identidades estão em constante mutação.

É através do imaginário que o ser humano projeta no tempo a recriação do universo. A arquitetura do porvir, que pode ser pensada através da arte, permite-nos múltiplas invenções, dando sentido a nossa existência e nos levando a agir.

Para Ianni, é “possível dizer que no futuro esconde-se a utopia. Pode ser uma projeção do presente, aprimorado ou purificado; mas também pode ser uma projeção do passado, idealizado. Há sempre algo de utopia ou nostalgia, quando se pensa o futuro, enquanto mundo possível, almejado. Em alguns casos, a imaginação do futuro envolve não somente a nostalgia como também a escatologia. Há futuros catastróficos, par em par com futuros paradisiacos. Em todos

os casos, o futuro guarda algo de ahistórico ou supra-histórico. Mesmo quando enraizado na previsão científica, o futuro que se desenha adquire algo de suspenso no espaço e no tempo, como fantasia ou alegoria. É por meio da fantasia e da alegoria que se torna possível alcançar o reencantamento do mundo”.²¹



Arte e educação

Conta Platão — conforme nos afirma Werner Jaeger na *Paideia*²² —, que era opinião corrente, no seu tempo, ter sido Homero o educador de toda a Grécia. Um poeta educador de todo o seu povo é uma idéia que hoje nos parece estranha.

Nessa “aldeia global”, de múltiplas diferenças, seria possível pensar em um mundo “plural, solidário e responsável” na perspectiva de um paradigma poético coletivo?

Estamos longe dessa utopia. Temos inúmeros padrões educativos e ideais bastante diferenciados acerca da sociedade que queremos formar. O que talvez, hoje, se possa buscar, desarmado de preconceitos, seja um padrão de convivência internacional compatível com um

mundo mais igualitário. Questão difícil e complexa dado o nível de intolerância que possui inúmeras máscaras.

Perseguir esse objetivo exige uma proposta educativa. Que essa proposta possa ser gestada pela poesia é algo que nos motiva e desafia.

Octavio Paz nos fala do poema como o “ideograma de um mundo que busca seu sentido, sua orientação, não num ponto fixo, mas na rotação dos pontos e na mobilidade dos signos”.²³ O que vem a ser essa proposição não sabemos. Sabemos, e é ainda Octavio Paz quem nos fala — comparando a “atitude contemporânea” com a que prevalecia “há uns quinze ou vinte anos” —, que a experiência poética “volta a ser física, corporal: hoje a palavra nos entra pelos ouvidos, toma corpo, se encarna. Não é menos revelador que a recepção de poemas tenda a ser um ato coletivo: à substituição do livro por outros meios de comunicação, e do signo escrito pela voz, correspondem a corporização da palavra e sua encarnação coletiva”.²⁴

Falamos de poesia como algo que transcende o poema e nos emociona através das mais diversas expressões artísticas: dança, pintura, literatura, escultura, música, cinema... O que gostaríamos de reter, na fala de Paz, é a “corporização da palavra e sua encarnação coletiva”. Há aí um agir que é próprio do ato intencional do educativo.

E aqui um parêntese: ao falarmos de arte e educação, não advogamos que a arte deva estar atrelada à educação. A arte cumpre sua função educativa por sua própria forma de expressão. Exemplo disso é o projeto *Se essa rua fosse minha*, coordenado por Antônio César Marques da Silva, um dos participantes deste seminário (v. item das “Experiências” deste *Caderno*, p. 80). Trata-se de um projeto que trabalha várias atividades artísticas (circo, teatro, dança) com crianças e adolescentes de rua.

Embora não se pretenda que todos os alunos se transformem em artistas, as próprias atividades em que se envolvem os faz repensar sua existência no mundo.

Mas vamos dar a palavra a dois jovens moradores de favelas do Rio de Janeiro que descobriram a arte em seu lugar de moradia. Alan Pereira, de dezessete anos, do projeto *Cultura na Favela*, patrocinado pelo Instituto Goethe, estuda dança. Ele diz que “ficava solto de boeira, no morro, jogando bola. Se não estivesse na Companhia nem sei se estaria vivo hoje. Provavelmente teria entrado na vida do crime e morrido como meu pai e meu irmão de criação”. Andrea Macedo, de 22 anos, do projeto *Casa das Artes da Mangueira*, tem o sonho de ser fotógrafa profissional. O interessante, na sua fala, é que vê poesia

onde não via: “Antes nem gostava da foto preto-e-branca, pois achava triste. Hoje consigo ver poesia nela e enxergar as coisas que estão à minha volta de forma diferente”.

Esses depoimentos²⁵ confirmam a função vital da arte na sociedade, que vai muito além — como nos diz Ernesto Grassi — “da expressão de genialidade de poucos, ou como um luxo; pelo contrário, deve ser reconhecida como um dos aspectos precípuos da existência humana e deve ser considerada nesta função”.²⁶

Fayga Ostrower, na conferência de abertura do encontro *Arte e identidade cultural na construção de um mundo solidário*, nos fala no mesmo tom: a criatividade — diz ela — “é algo inerente à própria condição humana. Assim, longe de constituírem qualidades excepcionais ou talvez anormais, a criatividade e os múltiplos atos da criação que dela resultam devem ser entendidos como estados e comportamentos *naturais* da humanidade. Naturais, no sentido de serem próprios do homem. O homem é um ser criador, naturalmente, espontaneamente, e não excepcionalmente”.²⁷

Ao fazer essa afirmação, Fayga não está negando a existência de artistas excepcionais que atingiram o ponto extremo de potencialidades existentes no ser humano.

Para tentar mudar o que nos circunda precisamos de um projeto com uma finalidade coletiva. A educação, que forma, transforma, é uma via nesse sentido porque é um ato de vontade, uma intervenção visando um objetivo a ser atingido.

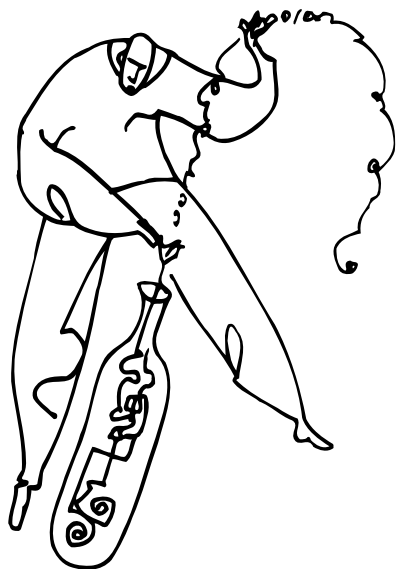
Mas para atingir o que queremos temos que abandonar o “realismo” daqueles que, como nos lembra Alfredo Romaña, economista peruano, através da fala de Ernesto Sábato: “destroem rios, mares inteiros, enterram lixo nuclear ignorando [...] que um átomo radioativo existe para sempre, destroem selvas como a amazônica. Destroem, finalmente, a alma do homem, convertido nos chamados países civilizados em mera engrenagem. E o pior de tudo, estão destruindo a alma das crianças e dos adolescentes. Por isso, a droga não é um problema policial, como crêem estes estúpidos, mas um problema psicológico e espiritual”.²⁸

Makarand busca o reverso desse realismo perverso, ao nos falar de J. Krishnamurti, que “acreditou que a verdadeira criatividade provém de estar em contato com a Realidade. Infelizmente, nós realmente perdemos a habilidade para ver, ouvir, tocar, sentir por meio do paladar, do gosto e do aroma. Nós vemos o presente pelo passado, por memória, por condicionamento. O resultado é que nós não podemos experimen-

tar o presente em sua pureza. O presente sempre é novo, enquanto sempre fluindo, portanto a matriz de toda a criatividade”.

Makarand critica nossa pedagogia confinada ao desenvolvimento intelectual e nos pergunta: O que dizer do treinamento dos sentidos? Abre-se aí todo um campo de reflexão em que não estamos acostumados a pensar e que, talvez, seja fundamental na tentativa de reencantar o mundo.





Proposições



A conexão arte-sociedade

A arte é inseparável da realidade social, econômica, política e cultural dos diversos países. Hoje, ela tem um papel fundamental na religação da sociedade, na reorganização do tecido social desfeito pela mercantilização das relações e pela violência. Particularmente entre os jovens, a arte torna-se a única linguagem possível de compreensão, de comunicação entre gerações. Com a homogeneização do discurso de mudança, a política tem pouco a dizer, e a arte assume uma importância nunca vista.

A crise de paradigmas traz para o campo da resolução dos problemas a incerteza, a poética e o imprevisível. Neste contexto, quando se fala do papel da arte, não se quer dizer que ela deva servir a uma boa causa,

empobrecendo-se esteticamente. A beleza é fundamental para os seres humanos e com isso a arte vale por si. No entanto, é preciso contextualizar seu poder criativo, seus usos e sua capacidade de gerar encantamento. Todos devem ser criadores de arte e não apenas alguns poucos. Portanto, o direito de criar é condição de uma qualidade de vida superior. Deve-se facilitar o acesso dos povos à arte e lutar por um consumo de qualidade.

Finalmente, a arte tem o papel de tornar o mundo digno de ser vivido, reencantando-o, tornando-o um lugar não apenas de luta pela sobrevivência cotidiana, mas um lugar de imaginação criadora, de sonho e de utopia. É fundamental reafirmar a importância da arte como impulso transformador de pessoas portadoras de uma nova visão do ser humano, capaz de elevar a sua auto-estima, de humanizar e emancipar o espírito. Enfim, de contribuir para o aprimoramento das pessoas e das sociedades.



Estimular a responsabilidade social do artista

Ezra Pound afirma que os artistas são as antenas da raça. No nosso entender, isso quer dizer que a sensibilidade capta linguagens, imagens, realidades além do mundo concreto e do imaginário. A arte

é produto da imaginação criadora, mas é também problematizadora do real. Octavio Paz diz que através da poesia revela-se um mundo e cria-se outro. Por tudo isso o artista tem um lugar importante na sociedade, é merecedor de um respeito especial pela sua sensibilidade e criatividade, torna-se muitas vezes referência e, algumas vezes, mito. A arte contribui, por sua vez, para formar uma comunidade de emoções. Logo, o papel do artista é central para mudar a realidade dos países e enriquecer o imaginário, melhorando, assim, a qualidade de vida material e espiritual.

Além da sua arte, o artista, como cidadão, pode gerar referências de comportamentos éticos e contribuir para mudanças políticas e culturais nas sociedades, pois a modernização e a globalização tendem a criar uma cultura de mercado que nega os ricos processos culturais dos diversos países.

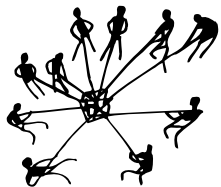


Defender o direito à cidadania cultural

É central em nossas sociedades não apenas a defesa de uma melhor qualidade de vida material, do desenvolvimento econômico, da superação da pobreza, da melhoria das condições de vida, da preser-

vação do meio ambiente, da renovação política, mas também do direito à cultura e à cidadania cultural. Nas sociedades contemporâneas, essa deve ser uma trincheira de luta permanente.

A defesa da cidadania cultural deve ser entendida também como o direito à invenção sem negar a valorização da cultura ancestral. Inspirados por Marilena Chauí, podemos afirmar que cidadania cultural é o direito à liberdade de criação cultural, o direito à participação da sociedade nos processos de decisão cultural, o direito à informação, o direito à expressão da diversidade como fundamento de uma verdadeira democracia cultural. Hoje, a luta por sociedades justas e sustentáveis deve incluir a cidadania cultural como ingrediente imprescindível nos processos de mudança.



Fortalecer a diversidade cultural dos países e regiões e estimular a interculturalidade

Cada cultura tem sua história; sua riqueza é sua singularidade, sua formação própria. É no interior de sua diversidade que se encontram soluções para os grandes desafios da humanidade. No entanto, a de-

fesa da diversidade como fator de enriquecimento cultural não deve impedir a interculturalidade nem permitir a defesa cega das tradições. Algumas culturas, ao mesmo tempo que vivenciam ricas narrativas e mitos, desrespeitam os direitos humanos. Isso é inaceitável. A experiência da interculturalidade pode trazer para essas culturas parâmetros de direitos desconhecidos em sua história.

Não há qualidade de vida superior e exercício pleno da cidadania sem a defesa da diversidade cultural. A unidade do país, da região ou da localidade não deve jamais inibir a rica pluralidade de culturas que enriquecem a vida concreta e o imaginário dessas sociedades.



Fortalecer a identidade cultural frente ao processo de globalização

O processo de globalização tem se expandido por todo o mundo e descaracterizado ricas culturas, mercantilizando relações antes apoiadas na vida comunitária, na gratuidade e nas trocas afetivas e simbólicas. A economia-mundo também tem estimulado o surgimento de uma cultura-mundo, isto é, de uma mundialização dos objetos e do

imaginário. No entanto, os movimentos sociais e as fortes identidades locais têm criado um campo de reapropriação e reelaboração cultural, ou mesmo movimentos de resistência a uma mundialização que destrói e descaracteriza culturas. Entendemos que no local está a essência, e no global a aparência, como diz o professor Milton Santos.

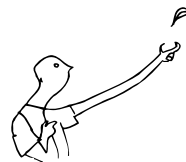
A defesa da identidade não está em negar o processo de globalização, ou seja, o encontro de várias culturas no mundo, mas em fortalecer tradições e rupturas com o rosto e as cores dos impulsos mais generosos da localidade. É assim que os seres humanos podem criar, a partir de suas heranças culturais, modos de vida sustentáveis. A defesa de uma globalização da solidariedade, cosmopolita e multicultural, deve estar no nosso horizonte.

A partir da proteção do patrimônio cultural e artístico dos diversos povos, deve-se buscar a unidade e a complementação das culturas através do diálogo intercultural. Isso permite evitar o etnocentrismo e estimular a abertura de cada cultura para outras matrizes culturais. A valorização das raízes, etnias e raças, religiões, manifestações culturais, expressões artísticas e da história compartilhada deve ser a base sobre a qual se estruturam os processos identitários.



Estimular ações de ocupação cultural dos espaços públicos pela população

A arte deve sair dos “templos” institucionais de produção cultural para ambientes acessíveis ao cidadão comum: a comunidade, a praça, a rua, o viaduto, a estação do metrô devem ser lugares de difusão da criatividade, da arte e da cultura. Os artistas devem sair do seu pedestal para encontrar o cidadão comum, misturar-se à realidade da vida e ampliar os usos da cultura e da arte. Difundir a arte, dessacralizá-la, é condição para a ampliação de seu papel na sociedade e o reencantamento do mundo através da linguagem artística.



Construir a cultura da paz

As nossas sociedades, com suas guerras de mercado, militares e civis, travadas no cotidiano — guerras silenciosas, fruto da competição e da desagregação —, praticamente não conhecem uma paz duradoura. A cultura da paz deve se constituir em uma bandeira das mais importantes, não para um império reinar sobre o consenso e o silêncio dos

dominados, mas como condição de construirmos uma sociedade mais feliz em todos os campos das atividades e da convivência humana.

A arte como formadora de comunidades de emoção, celebradora da coletividade, pode vir a desempenhar um enorme papel essencial para agregar e construir a paz. Nesse sentido, pode-se criar campanhas pela paz, movimentos pelo desarmamento, movimentos de arte e paz nas escolas, encontros de arte e paz entre os jovens e ações simbólicas pela paz, como é o caso dos *Tambores da Paz*.

O diálogo inter-religioso, que neste momento se intensifica, pode contribuir muito para a paz no mundo. O mesmo pode ocorrer com a arte, que tem uma linguagem universal. É necessário mostrar que a linguagem da arte converge para a paz na convivência cotidiana.

Os meios de comunicação têm sido um dos grandes propagadores da guerra no planeta. Não será possível reverter a função desses meios na construção da paz? Propomos resistir pacificamente e com arte à crueldade do mundo, gerando valores de não-violência e solidariedade, que levem em conta as seguintes proposições, baseadas nas reflexões da UNESCO:

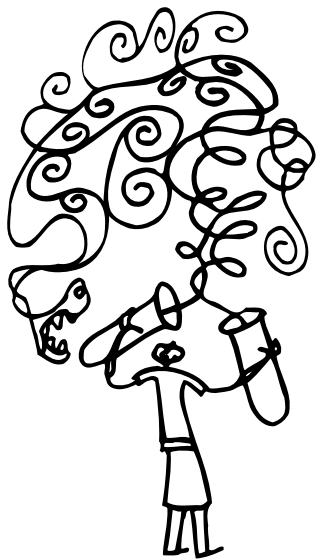
- o respeito e a dignidade da vida das pessoas, sem discriminação nem preconceitos;

- a rejeição a qualquer tipo de violência: física, sexual, psicológica, econômica, social e outras;
- a diversidade cultural;
- o diálogo, que previne o fanatismo, a difamação e a exclusão;
- o respeito à vida, buscando a harmonia da comunidade;
- a democracia como forma de solidariedade.

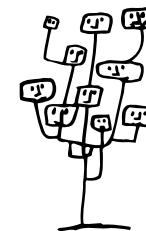


Fortalecer as trocas culturais entre os diversos países

Defendemos que um dos papéis fundamentais do *Chantier*²⁹ e do *Colégio*³⁰ de *Artistas* deva ser o intercâmbio cultural. Constatamos que pouco sabemos das nossas próprias culturas e menos ainda das culturas de outros povos. Assim podemos realizar imersões planejadas em nossos próprios países com a presença de aliados de outros países e caravanas interculturais — como é o caso da *Caravana Africana pela Paz e a Solidariedade*, que busca vivenciar e estabelecer pontos comuns e diferentes para um diálogo intercultural. A troca através de encontros e via internet não é suficiente para um verdadeiro diálogo intercultural. Defendemos, portanto, a criação do *Chantier* e do *Colégio dos Artistas* nos diversos países.



Experiências



Conversas de rua

Trata-se de uma das experiências da *Aliança por um Mundo Responsável, Plural e Solidário* no Brasil. A *Conversa de Rua* é uma ocupação do espaço público (rua, praça, metrô, viaduto, avenida, pátio, parque etc.) por habitantes e/ou transeuntes do local, onde são apresentados e debatidos temas relevantes: construção da paz, ecologia, arte e cultura, condição da mulher, renovação da política etc. O tema geral é a cidade que queremos. A idéia é ter experiências presenciais, de contato direto com a população, e não apenas através das redes e da internet.

Esta proposta envolve milhares de pessoas que circulam nas ruas e atinge grande parte da sociedade através da mídia. Em Vitória, capital

do Espírito Santo, Brasil, a *Conversa* com a população girou em torno de racismo, equilíbrio de gênero, cultura, direitos humanos, segurança alimentar. Em São Paulo, o grupo da *Aliança* debateu a renovação da política e, em pleno centro da cidade organizou, com outras entidades, a lavagem da Câmara Municipal, promovida pelo movimento nacional De Olho no Voto — evento simbólico contra a corrupção e pela ética na política. Nessa proposta a idéia da arte é fundamental. É ela que conecta as pessoas desenvolvendo o debate permeado pela arte. Apresenta-se música popular, música clássica, teatro de mamulengo, bandas e outras manifestações artísticas. A ação simbólica também é fundamental para dar relevância à *Conversa de Rua*.



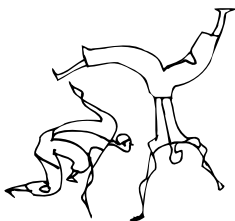
Ballet Stagium

Trata-se de um dos grupos de arte mais conhecidos e respeitados do Brasil. Nos anos 70 viajou e fez apresentações nas mais diferentes regiões do país. Em 1974, por exemplo, percorreu o rio São Francisco, no Nordeste do Brasil, e apresentou-se nas vilas à margem desse rio. Um grupo de 150 artistas realizava espetáculos nos lugares mais

distantes, ensinando movimentos de balé para as populações locais, organizando sessões de dança com crianças etc.

A partir de 1990 o Ballet Stagium começa a trabalhar a relação da dança com a educação, incluindo os pais e as crianças no espetáculo. Esse grupo passa a ensinar técnicas corporais e de postura aos professores que nada sabiam disso. A coordenadora do balé, Máríka Gidalli, diz: “O professor chega torto e sai direito. Ele começa a realizar atividades em classe cuja existência não chegava a supor. O professor adquire maior concentração e criatividade no trabalho com seus alunos. Ele começa a trabalhar sem ajuda das palavras”.

O Ballet Stagium desenvolve também muitas outras atividades com crianças pobres, prisioneiros, doentes, meninos e meninas de rua. Através da arte essas pessoas mudam sua maneira de ver o mundo, sua atitude em relação a vida, seus valores e maneiras de ensinar e aprender. Assim os integrantes contribuem para a recuperação da auto-estima e a afirmação da cidadania dessas pessoas.

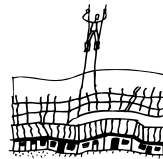


Projeto Alagoas Presente!

Projeto desenvolvido pela artista plástica Marta Arruda na cidade de Maceió e em outras cidades do interior de Alagoas, no Nordeste do Brasil. Este projeto tem por objetivo promover momentos de lazer através de atividades artísticas, estimular e fomentar novos valores artísticos como uma forma de contribuir para os processos da educação. Propõe-se a desenvolver na população o interesse na preservação dos trabalhos do artesanato local, das danças, da música, da literatura, preservar os recursos culturais e criar condições para uma melhor qualidade de vida. É um trabalho educativo, sem fins lucrativos, que nasceu e funciona da colaboração entre as pessoas, voluntários, empresas privadas, doações e ajudas eventuais dos governos locais da região.

O projeto ensina artes plásticas nas cidades, realizando oficinas de colagem, papel machê, argila, pintura em cerâmica, desenho, organiza conferências, apresentações folclóricas, confecções de murais. Estimula a criação e a divulgação de artistas locais. Já atingiu cerca de dez mil pessoas nos lugares que percorreu. É uma verdadeira caravana cultural, que abre novos caminhos, mobiliza pessoas, particu-

larmente jovens, engaja o poder público, desperta vocações e novos valores artísticos, gerando ações multiplicadoras.



Barracões Culturais da Cidadania

De 970 experiências de gestão pública e cidadania, este projeto foi selecionado pela *Fundação Ford* e pela *Fundação Getúlio Vargas* entre as vinte mais importantes experiências brasileiras. Acontece em Itapecerica da Serra, cidade de 130 mil habitantes, a cerca de trinta quilômetros da cidade de São Paulo. Itapecerica, extensão da metrópole paulista, com altos índices de violência, abriga uma disputa entre grupos armados ligados a droga e muita miséria. As casas são precárias e existem poucos espaços públicos.

O projeto propõe-se a criar espaços alternativos em todos os bairros com materiais de baixo preço, como eucalipto, bambu e paredes de taipa, por isso chama-se Barracões. A idéia é construir esses imóveis com a ajuda da população, de forma que ela possa apropriar-se desses espaços e utilizá-los para atividades sociais e para discutir os graves problemas dos bairros.

A idéia mais importante é contextualizar as atividades artísticas e culturais num cenário de afirmação da cidadania, ligar a arte com um conjunto de atividades sociais, que vão de eventos culturais a campanhas pela paz e envolvimento no orçamento participativo da cidade. As atividades artísticas são organizadas, a partir das oficinas culturais, com várias linguagens: teatro, dança, orquestra, tambores, violino, teclado, música etc.

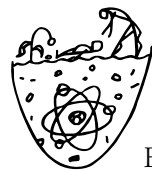
Hoje já existem vários grupos de dança formados por mulheres que descobriram pela arte o seu poder e o seu papel na sociedade. Observa-se, também neste trabalho, uma mudança no comportamento dos jovens que antes usavam droga. Alguns dizem se sentir melhor como ser humano, e passam a ter uma maior participação nas atividades escolares e na vida comunitária.



Museu e público especial

Trata-se de uma exposição no *Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC-USP)* que atende a um público de deficientes visuais.

O material didático é de fundo multissensorial. Uma parte do material é produzida com borracha e papel machê de maneira a possibilitar uma investigação de texturas pelo toque com os dedos. A arte, assim, pode ser receptora de um público que habitualmente não frequenta esses espaços. Em 1998 o *Museu de Arte Contemporânea* organizou uma exposição de pintura com uma seleção de dezoito obras: oito quadros a óleo e dez esculturas em bronze. Em cada quadro havia uma reprodução em relevo, uma em papel machê e outra em borracha, que permitia à pessoa com deficiência visual tocar e apreciar a obra. O trabalho se completa quando o portador de deficiência recebe conhecimentos de história da arte e informações sobre o trabalho artístico. No final de cada visita, o visitante ganha um catálogo com um texto em braille sobre a exposição.



A consciência ecológica e a educação através da arte

Este trabalho é desenvolvido pelo movimento *Artistas pela Natureza*, uma organização não-governamental, que reúne em torno de quinhentos artistas e pedagogos brasileiros. O movimento existe desde

1977, já criou associações e parques ecológicos, e realiza atos simbólicos, organiza lutas e promove manifestações. Depois de muitos anos de ação, conseguiu que fosse criado o *Parque Nacional da Chapada dos Guimarães*, na região central do país.

Em 1986, reuniu 145 artistas brasileiros na região do Pantanal e da Chapada dos Guimarães para realizar uma exposição denominada *Artistas pela Natureza*. Entre 1992 e 1993, os participantes deste movimento empreenderam uma peregrinação pelo rio São Francisco, a pé, pelas margens, e de barco, procurando difundir valores ecológicos e culturais. Organizaram manifestações de apoio à preservação das águas e lançaram um manifesto intitulado *O rio de águas sujas*. Foram convidados pela UNESCO para elaborar o livro que vai traçar diretrizes para a educação ambiental no Brasil.

A arte é a motivação de todas as ações, e a maioria dos participantes são artistas, arte-educadores ou educadores sensibilizados com essa linguagem. O inspirador e organizador deste movimento é o artista e escritor Bené Fonteles, com vasto trabalho artístico, e também parceiro de Gilberto Gil.



Movimento Arte contra a Barbárie

Trata-se de um movimento apartidário, formado por pessoas e grupos ligados ao teatro, unidas diante de um denominador comum: o entendimento de que o exercício do teatro implica uma ética e um compromisso social. Realiza a discussão de idéias e a construção do pensamento que congrega arte, cultura, ética, compromisso social e políticas públicas que não restrinjam a prática artística às regras do mercado.

Em junho de 2000, o *Arte contra a Barbárie* lançou seu terceiro manifesto, assinado por mais de seiscentos artistas, em que propõe a promoção de programas permanentes para as artes cênicas nos âmbitos municipal, estadual e federal, com recursos públicos orçamentários geridos por critérios públicos e participativos.

Em julho de 2000, o movimento inaugurou o *Espaço da Cena*, destinado a encontros abertos, quinzenais, com o intuito de aprofundar a reflexão sobre as necessidades da produção artística e sobre como propiciar amplo acesso da população aos bens culturais.

No momento, acompanha de perto a implantação do *Programa Municipal de Fomento ao Teatro para a Cidade de São Paulo*, criado através de lei proposta pelo movimento e que serve de paradigma para

todo o país ao estabelecer uma possibilidade clara para a organização da produção teatral, respeitando a diversidade e sugerindo novas relações entre o teatro, o Poder Público e a cidade. Em dezembro de 2003 será lançada uma revista eletrônica sobre esse programa.

Na agenda, mas ainda sem definição sobre o que vai fazer, o *Arte contra a Barbárie* promove a discussão sobre a criação de um *Fundo Estadual de Cultura*, proposto pelo deputado Vicente Cândido, o *Sistema Municipal de Arte e Cultura*, proposto pelo vereador Nabil Bonduki, e um programa de apoio à pesquisa, criação e circulação de teatro e dança para a cidade de São Paulo.



Tambores pela Paz

O *Tambores pela Paz* é uma ação internacional simbólica, ligada à *Aliança por um Mundo Responsável, Plural e Solidário*, que busca resgatar uma das funções dos tambores entre povos antigos: espantar a doença e o mal. Ao invés de chamar para a guerra, chamam para a paz.

Em 2001 os *Tambores pela Paz* estiveram presentes nos quatro encontros continentais da *Aliança* (Tanzânia, Índia, Romênia, Equador), além de um encontro regional no Líbano. No dia primeiro de maio de 2001, foi realizada em São Paulo, Brasil, no SESC Vila Mariana, uma celebração interativa dos *Tambores pela Paz*, com a animação do músico baiano Gereba e de vários convidados, além dos participantes do encontro mundial *Arte e identidade cultural na construção de um mundo solidário*. Este evento foi a primeira divulgação pública da ação *Tambores pela Paz* feita pela *Aliança*, no Brasil.

O objetivo desta iniciativa é envolver e mobilizar músicos, artistas, educadores e lideranças de movimentos sociais para que se comprometam com essa ação simbólica, criando, todos os anos, uma *Sinfonia Intercultural pela Paz*. Essa iniciativa é animada pela educadora Isis de Palma, do Brasil.

contatos: site – www.tamtamforpeace.org; email – info@tamtamforpeace.org.br



Uma Orquestra de Tambores para São Paulo

O instrumento antes utilizado apenas para transmitir mensagens à distância, celebrar rituais e chamar a guerra, hoje faz parte do universo musical de várias culturas e reúne diferentes pessoas em todo o

mundo para abraçar a paz. Com esta proposta, a rede mundial *Aliança Por Um Mundo Responsável, Plural e Solidário* anuncia a criação da *Orquestra de Tambores*.

Sob o comando do compositor e percussionista Mestre Lumumba, a *Orquestra de Tambores* é composta por 30 pessoas de diferentes idades e níveis de conhecimento musical. Além de realizar apresentações, seus integrantes estão formando multiplicadores para a capacitação de músicos e para a confecção de instrumentos musicais.

“A Orquestra surgiu de uma Oficina de Tambores realizada em abril de 2003, na biblioteca Mário de Andrade, da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo. Ela leva o nome de *Ilu bogbo Aiye*, que em crioulo Nilé quer dizer ‘tambores para todo o mundo’. Seus participantes apaixonaram-se pelo instrumento e organizaram ensaios periódicos que culminaram com a formação da orquestra”. “A história da *Orquestra*, assim como o envolvimento dos brasileiros com o movimento organizado pela *Aliança*, demonstra uma identificação do país com a causa da paz e com a cultura africana”. Na *Orquestra de Tambores* seus integrantes aprendem os principais ritmos musicais da cultura afro-brasileira. “É por meio da vivência e do convívio que mestre Lumumba ensina a matriz rítmica da música brasileira e africana.

Os tambores utilizados são confeccionados artesanalmente pelos próprios integrantes. Eles também serão vendidos. O objetivo é criar a partir da construção dos próprios instrumentos assim as pessoas resgatam sua identidade e a capacidade de criar. Vender os instrumentos é uma maneira de gerar renda para as pessoas e, conseqüentemente, para a manutenção do grupo.

A *Orquestra de Tambores* passa a fazer parte da rede mundial e a representar o movimento de *Tambores da Paz* da *Aliança por um Mundo Responsável, Plural e Solidário* no Brasil.



Orquestra de Tambores nas escolas

A *Orquestra de Tambores* faz apresentações em escolas, instituições, empresas, praças, entidades, entre outros locais. A intenção é montar um grupo de tambores em cada escola, reunir as pessoas a favor da paz e propagar a cultura afro-brasileira. “É um trabalho importante de envolvimento e compreensão das raízes da cultura brasileira, por isso contamos com o apoio das instituições educacionais em inserir esta atividade no cotidiano de jovens e crianças”.



“Se essa rua fosse minha”

O projeto “*Se essa rua...*” teve início em 1991, reunindo quatro grandes ONGs: *Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas* (IBASE), *Instituto de Ação Cultural* (IDAC), *Instituto de Estudos da Religião* (ISER) e *Federação dos Órgãos de Assistência à Educação* (FASE). O trabalho efetivo com crianças e adolescentes nas ruas da cidade do Rio de Janeiro começou no ano seguinte, com grande respaldo da mídia, não só por causa das ONGs envolvidas, como também pela participação de artistas e jogadores de futebol conhecidos.

Desde a sua origem o “*Se essa rua...*” privilegiou o lúdico na realização do seu trabalho. Esse lúdico se materializa, até hoje, no tipo de trabalho que o “*Se essa rua...*” realiza e pelo qual é até hoje conhecido: circo, dança e teatro.



Oficina Livre do Conhecimento e Escola de Protagonistas (= + ≠)

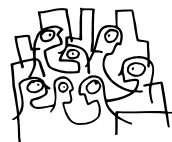
A *Oficina Livre do Conhecimento* é um método de ensino para o exercício da criatividade e dos valores humanos, voltado para o jovem que

vive em situação de risco e para educadores que atuam nesse segmento. Através da arte-educação, conscientiza o jovem sobre o seu papel de protagonista na história, estimulando-o a ser atuante na sociedade e multiplicador da cultura da não-violência e dos valores humanos.

A *Escola de Protagonistas* é um programa de arte-educação que trabalha com adolescentes de ambos os sexos, de quatorze a vinte anos, buscando alternativas que os tornem pessoas autônomas e criativas.

Os objetivos da escola são, entre outros:

- estimular a sociabilidade;
- promover o desenvolvimento da confiança em si e no outro;
- disseminar uma consciência crítica entre os jovens da comunidade;
- encaminhar jovens em situação de risco para o mercado de trabalho;
- sensibilizar o mercado de trabalho para o potencial do jovem carente.



Fórum Intermunicipal de Cultura (FIC)

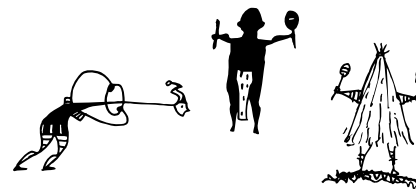
O *Fórum Intermunicipal de Cultura* (FIC) é uma articulação formada por movimentos culturais, gestores e técnicos do poder público, criadores de cultura e arte, de várias regiões do país, com o objetivo de

debater e construir alternativas para as políticas culturais locais, contribuindo para a criação da esfera pública e democrática nesse campo.

Desde sua criação, em 1995, o FIC, a partir da realização de encontros nacionais, dos documentos de cultura e das publicações etc., tem se constituído como referência na construção de políticas culturais municipais.

Estimulando ações que fortalecem o desenvolvimento humano através da cultura e da arte, o FIC propicia a aproximação de agentes culturais públicos e privados, técnicos e gestores de governos, artistas, pesquisadores e professores universitários, especialistas da cultura e de serviços voltados para a cultura e o lazer.

No caso de uma metrópole como São Paulo, que padece de superpopulação, violência, pobreza, poluição, além de altos níveis de exclusão social e cultural, o FIC propõe-se a pensar políticas públicas locais com ações culturais descentralizadas. O objetivo desta proposta é garantir o acesso à produção e fruição de bens culturais para as áreas periféricas da cidade e, simultaneamente, o apoio aos movimentos que já acontecem, como os movimentos pela paz e pela construção da cidadania.



Projeto Porandussara

O projeto *Porandussara* (*narrador*, em tupi) se propõe a formar um acervo de mitologias nativas. O objetivo é dar a conhecer aos brasileiros uma matriz ancestral de seu patrimônio cultural.

O projeto desdobra-se em apresentações teatrais e oficinas de histórias, procurando formar grupos locais que resgatem suas próprias raízes.

Atualmente os responsáveis pelo projeto buscam alianças com entidades da sociedade civil para fortalecer a ampliação e divulgação do seu trabalho.



Projeto no metrô

Desde 1993, o metrô de Paris propõe aos usuários a exposição de poemas nas paredes das estações ou, então, curtos extratos de poemas no interior dos vagões. Neste último caso, quando se trata de poetas estrangeiros, os textos são bilíngües.

Periodicamente, é organizado um concurso. Em 1998, concorreram

sete mil pessoas. Os melhores poemas são exibidos em alternância com os dos poetas “reconhecidos”, além de estarem sendo publicados pela editora *Le Temps des Cerises*.



Festival do primeiro romance (Chambéry, França)

Na cidade de Chambéry se realiza, há treze anos, um festival muito original — atualmente reproduzido em outras cidades francesas. Cada ano são selecionados, da produção literária nacional, alguns primeiros romances de novos escritores. Esses livros circulam nas bibliotecas, nas prisões, nas escolas etc., e são debatidos em diversos grupos. Após esse primeiro momento, faz-se uma consulta popular e atribui-se a “pena de ouro” a dez desses escritores, que são convidados a se encontrar com seus leitores em Chambéry. Dá-se, então, uma intensa relação entre leitor e escritor.



Tarace Boulba (Montreuil, França)

Tarace Boulba é um conjunto de *funk* e, também, uma associação cujo objetivo é promover a todos o acesso gratuito à música. Fundado em Montreuil, ficou muito conhecido por sua presença nos movimentos sociais na França e em outros países europeus.

Aberto a todas as camadas sociais, *Tarace Boulba* é, a um só tempo, um grupo e um movimento de músicos, que buscam um desenvolvimento pessoal e coletivo através da sociabilidade que se estabelece entre seus membros.



Ateliês de portas abertas (Bas-Montreuil, França)

Este movimento, organizado por artistas no Bas-Montreuil, em setembro de 1998, teve por objetivo a valorização do modo de vida local. Hoje em dia conta com o apoio dos órgãos municipais e se espalhou por vários lugares da França onde, uma ou duas vezes por ano, os artistas abrem seus ateliês à visitação da população.



Itinerâncias teatrais de Montreuil (França)

Este movimento, organizado por artistas de teatro, teve origem em um antigo festival patrocinado pelo município de Montreuil, que, por questões econômicas, o suspendeu. Trata-se de uma experiência interessante porque sai das salas de espetáculo e leva o teatro para as ruas, cafés e apartamentos.



Excalibur (Montreuil, França)

Excalibur é uma associação de formação e inclusão social de jovens desempregados através da arte em espaço público. Entre seus projetos, destaca-se a pintura nos muros da cidade de Montreuil.

Embora numerosas instituições trabalhem com jovens desempregados, a *Excalibur* se destaca pela originalidade do seu projeto: a produção e a exposição de arte nos muros da cidade.

Após cinco anos de atividade, esta associação apresenta um saldo altamente positivo: 75% dos seus participantes conseguiram uma qualificação nesse tipo de trabalho.



Doual'Art (Douala, Camarões)

Doual'Art é um centro de arte contemporânea, na cidade de Douala, Camarões, que apóia o desenvolvimento social e cultural através da arte, procurando a integração social em torno de questões estéticas. Buscando a apropriação do espaço urbano por seus habitantes, o *Doual'Art* desenvolve uma série de atividades.

Uma delas consiste em selecionar artistas plásticos para desenvolverem atividades em bairros populares. Em ateliês, eles aprendem a ter um olhar crítico sobre o meio em que vivem, desenvolvendo um desejo de aperfeiçoamento pessoal.

Outra atividade do *Doual'Art* é a formação de grupos de teatro.

Neles, os jovens são estimulados a escrever peças teatrais sob a direção de profissionais, fazendo apresentações em bairros pobres. Para estes grupos é uma oportunidade de liberar a palavra e convidar os adultos a empreender ações de intervenção no planejamento local.

Outra proposta do *DoualArt* foi a implantação de obras permanentes na cidade. O artista Joseph Sumegn  recebeu o convite e concebeu uma escultura monumental de doze metros, *A Nova Liberdade*, realizada com material reciclado. A obra   uma valoriza o do processo de reciclagem que rege boa parte da vida econ mica (produ o e consumo) dos cidadãos de Camarões.

A escultura foi instalada em um cruzamento onde, havia vários anos, o trânsito era impraticável. Isso mobilizou a opinião pública e a imprensa, possibilitando a reabilita o do local.



Caravana Africana pela Paz e a Solidariedade

A *Caravana Africana pela Paz e a Solidariedade*, uma iniciativa que nasceu no contexto da *Aliança por um Mundo Responsável, Plural e Solidário*, iniciou suas atividades em junho de 2000 e percorreu,

durante um ano, 35 países. Essa longa jornada culminou com um encontro, em junho de 2001, em Dar-Es-Salaam, na Tanzânia.

Ao longo desse itinerário, a *Caravana* participou de um grande número de eventos sociais e culturais, refletindo e debatendo questões sensíveis ao continente africano: renova o da política, problemas relativos   governança, movimentos sociais, saúde, educa o, economia, descentraliza o e integra o regional, cultura, valores e arte.

Um dos objetivos mais importantes da *Caravana*   encorajar a paz no continente, dando visibilidade aos programas e projetos de paz nos países em conflito. Nesse sentido, procura aumentar a capacidade dos que buscam este objetivo, criando redes e ampliando seu nível de influência.

Além deste objetivo, destaca-se a formula o de propostas para o século XXI em torno de quatro grandes temas: governança e cidadania, educa o e juventude, agricultura e economia, valores e cultura.

A *Caravana Africana* continuará o seu trabalho formando uma rede permanente pela paz e a solidariedade na África.



Shalom Salam Paz

Shalom Salam Paz (SSP) é um movimento de cidadãos das comunidades judaica e árabe-palestina que vivem no Brasil e buscam, através da arte e da educação, incentivar a convivência solidária entre ambos os povos. O SSP exhibe, permanentemente, exposições de 67 artistas palestinos e israelenses em espaços muito diversificados, como assembleias legislativas, câmaras municipais, centros de ensino, sindicatos etc., estimulando a divulgação da poesia, música e dança.

Um dos projetos do SSP é a *Mostra Nômade de Obras de Arte*, que deverá permanecer errante até Israel e Palestina assinarem um acordo de paz, que permita a criação de um Estado palestino independente e soberano, vizinho ao Estado de Israel. Quando isso ocorrer, será criado, com a participação da ONU, o *Museu Sem Fronteiras*, em Jerusalém.



Festas da Cultura (Santiago, Chile)

Iniciativa do atual governo, estas festas reúnem um grande número de pessoas em um parque em Santiago, onde se realizam inúmeras

atividades para adultos e crianças: teatro, dança, música, poesia etc. Trata-se de um evento que mescla cultura com recreação.

Paralelamente, com o objetivo de descentralizar a produção cultural chilena, estão se desenvolvendo atividades análogas em outras regiões do país. Na região de Tarapacá, por exemplo, foram exibidos documentários, em vídeo, sobre a vida andina. O mesmo evento se realizou em Iquique.

Em Valparaíso, no último sábado de cada mês, ocorrem várias manifestações artísticas nas ruas, reunindo um grande número de pessoas.



Casa Dedela

No princípio da década de 80, o povoado de Lavras Novas, localizado no Distrito de Ouro Preto, adormecia à luz de lamparina, esquecido entre as montanhas, com seus seiscentos habitantes. Parte negra, remanescente de quilombos, parte branca, resquício dos homens ávidos do ouro que ali se entranhou, dando origem a lendas e crenças.

Terminado o ciclo do ouro, o povo padecia pobreza, buscando na lenha (tropeiros) e na cestaria de taquara (uma espécie de bambu), o seu

sustento. Hermética, quase tribal, a comunidade denunciava em seus traços bio-tipológicos, as complicações dos casamentos entre parentes.

Nesse contexto, chega Suzana, o primeiro “corpo estranho” a ser aceito pelo povo de lá. Chega sem ameaças, nada levando consigo. Materialmente, era a “mais pobre” do arraial, o que facilitou sua aceitação, pré-estabelecendo uma simpatia entre os habitantes locais. Surgiu ali um novo paradigma de pobreza, pois diante dela, todos eram ricos. Tinham suas casas, a natureza dadivosa, o linguajar mesclado entre a língua Mina-jeje e a dos portugueses. Mas, com tudo isso, já há cerca de sessenta anos, haviam-se privado, por exemplo, de dançar e cantar a “marujada”, a dança dramática do congado devocional a Nossa Senhora do Rosário.

Chega a luz elétrica, a TV, os primeiros hippies. Chegam os primeiros turistas. Suzana preocupa-se com o impacto das novidades: abre uma escola (dentro de um galinheiro desativado em seu quintal), com três nativas leigas. Aplica empiricamente o método Paulo Freire. A comunidade adere.

Com a ajuda do *Fundo Canadá*, amplia o pequeno galinheiro que se transforma na *Casa de Cultura Dedela*, inspirada na memória da prestativa lenheira de nome Maria Adelaide.

Hoje a cultura local ameaçada e praticamente desintegrada em apenas duas décadas de turismo comercial encontra na *Casa Dedela* a preservação do conhecimento acumulado, com seus pequenos ofícios, com os cantares do Nanã-ná (auto teatral reverenciando a força feminina dos quilombolas, representado por atores locais) e a “dança das gentes pequenas” (aula de dança para crianças), administrada pela coreógrafa Jaqueline Mota, ex-companhia Débora Colker.

Um grande desafio para a *Casa Dedela* é se posicionar com sua identidade definida e distinta de outros modos de pensar a cultura que inevitavelmente surgem e procuram ocupar um lugar na consciência da comunidade.

Hoje se observa a comunidade progressivamente assumir a *Casa Dedela* como um elo distinto nessa cadeia, um centro de energia a partir do qual pode ser protagonista, decidir, formar, criar e se expressar de forma digna, singular e livre. Para Suzana, isso implica em desapego e paciência com as contradições de um processo que iniciou, mas que precisa hoje, caminhar por si. E sua satisfação reside em perceber que, afinal de contas, caminha.

Contatos: Suzana Macedo. Tel (31) 3330 7527. Belo Horizonte MG



Instituto Milho Verde

Milho Verde é um vilarejo de aproximadamente 1.500 habitantes, localizado na região do Alto Vale do Jequitinhonha, município de Serro, próximo ao Patromônio Histórico da Humanidade—Diamantina. Situa-se nas vertentes da Serra do Espinhaço, caracterizada por altas montanhas de pedra, de formação pré-cambriana, de paisagem bastante acidentada. A natureza é exuberante. Encanta com suas montanhas de pedra, rica vegetação e principalmente com suas magníficas cachoeiras. São em torno de 140 nascentes em toda região de Milho Verde. Em época de chuvas, destaca-se o Lajeado, lugar que ostenta corredeiras, bacias e cachoeiras que compõem uma paisagem de indescritível beleza. Toda essa riqueza, compreendendo o encanto da natureza, a intimidade com uma vida simples, a paz e o aconchego do lugar e a naturalidade de seus nativos, atrai cada dia mais turistas e novos moradores.

O turismo tem representado ali uma nova atividade econômica e algumas medidas de cautela devem ser observadas para que esta atividade não contribua para a devastação ambiental. A extração mineral já provocou sérios danos, como assoreamento de córregos, extinção de nascentes, erosões, desmatamentos, entre outros. Tam-

bém o pastoreio causa destruição, visto que a vegetação não é própria para pastagens. Muitas vezes ocorrem queimadas nos campos, justificadas por uma cultura equivocada de que isso provocará o crescimento de brotos que servirão de alimento para o gado. Portanto, as ações devem ser bem planejadas para que seja criada uma estrutura capaz de proporcionar melhorias para o distrito, respeitando sua natureza e sua população.

Outro aspecto que deve ser mencionado é a riqueza cultural de seu povo que ainda mantém tradições como a Festa do Rosário, de São João, da padroeira local—Nossa Senhora dos Prazeres. Nestas datas festivas, saem dois grupos folclóricos—*Catopês* e *Marujos*—que encantam com seu canto, sua dança e sua indumentária própria. São os próprios integrantes que produzem seus instrumentos musicais—tambores chamados de caixa, pandeiros, reco-recos.

Na área social, a questão é bastante complexa. Milho Verde está situado numa das regiões mais pobres do Brasil, com Índice de Desenvolvimento Humano bem abaixo da média nacional. Os atendimentos na área de saúde ainda são bastante precários, sendo encaminhados, os casos mais simples, para a sede do município—Serro (20 Km) e para Diamantina (40 Km), em estradas de terreno arenoso, íngremes

e cheio de curvas. Os casos mais complicados seguem para a capital mineira—Belo Horizonte (320 Km). O distrito conta com uma creche que atende crianças de 02 a 06 anos e uma Escola Estadual que oferece o ensino fundamental e o médio.

A oferta de empregos é extremamente limitada, e o turismo tem proporcionado algumas novas frentes de trabalho, principalmente em temporadas. A renda da população é por volta de meio salário mínimo (25 dólares) *per capita*. Questões de saneamento básico ainda são preocupantes. Não existem espaços voltados para o enriquecimento da cultura local e eventos acontecem esporadicamente. Assim há pouca opção cultural, principalmente para crianças e jovens.

Nesse contexto, surgiu a idéia da realização de um evento que mobilizasse a comunidade local—o *Encontro Cultural*. Um dos fatores determinantes para manutenção da identidade de um povo é manter viva sua cultura, estimulando para que os jovens a respeitem e a cultivem. A idéia do *Encontro* é envolver ao máximo toda população em sua preparação e realização para que haja uma real integração no espírito comunitário e possa produzir bons frutos. Assim, contribuir-se-á para a melhoria da qualidade de vida das famílias e do ambiente que as cercam.

O *Encontro Cultural de Milho Verde* não pretende, por si só, realizar mudanças radicais, mas pode contribuir na construção de uma visão mais abrangente, em que o ser humano respeite mais ao outro, a si mesmo e à natureza que o rodeia.

Contatos: Luís Fernando Ferreira Leite Instituto Milho Verde. tel/fax: 038 3541 4086. Trav. do Campo, 786. Lgo da Alegria, Distrito de Milho Verde. Serro-MG. CEP 39155-000.



Tiens, voilà encore autre chose

Tiens, voilà encore autre chose é um coletivo de artistas criado em 1997, na França, com o objetivo de desenvolver formas criativas de relação da arte com o público por meio de diferentes atividades, sempre privilegiando mais o cidadão do que o “artista”.

Faz parte deste movimento o artista plástico e cenógrafo Vladimir Cruells, que trabalha com instalações em áreas de conflito, buscando, com suas criações, contribuir para o diálogo entre palestinos e israelenses nessa região de mortes cotidianas onde a palavra se perdeu e foi substituída pela força das armas. O desafio de seu trabalho consiste em propiciar, através da arte, um diálogo que a guerra tornou inviável.



Fireflies (Vaga-lumes)

“Aquele que ama o mundo inteiro como se fosse seu próprio corpo, pode ter a confiança do mundo todo.”

Tao Te Ching

O *ashram Fireflies* é uma tentativa local e internacional de lidar com as crises sociais e culturais globais. Ele se autodenomina um *ashram*, um espaço cultural e ecológico para a vida e ação da comunidade. Localizado em uma vila fora da cidade de Bangalore, ao sul da Índia, é um lugar de uma beleza considerável. Os alojamentos estão localizados em pequenos montes cobertos de vegetação onde um lago se faz luzir suavemente por entre as folhagens.

O *Fireflies* trabalha diretamente com mulheres pobres e exploradas e agricultores das vilas e arredores. Promover a paz em situações de conflito entre hindus e muçulmanos também é uma de suas constantes preocupações. A ação cultural e ecológica é combinada com a meditação, a música e o teatro.

O *Fireflies* acredita que a jornada exterior de ação social está in-

timamente conectada à jornada interior do silêncio, da poesia e da arte. Uma vez por ano, músicos do mundo inteiro se reúnem no *Fireflies* para um festival que dura a noite inteira chamado *O Festival da Terra (Bhoomi Jathre)*.

Ele é visto como um festival inter-cultural e inter-religioso para homenagear a Terra, protegê-la de futuras degradações e propor programas realistas de ação ambiental. No *Fireflies* a Terra é vista como nossa primeira mãe. Os seres humanos não são meramente indivíduos, mas inter-humanos. Da mesma maneira, todos os seres são simultaneamente inter-seres.

A crise da civilização moderna tem a ver com a super-individualização, onde não somos capazes de ver os vínculos profundos que existem entre nós e os outros seres humanos, entre nós e a Terra. As últimas poucas gerações de existência urbana testemunharam, pela primeira vez na história, o rompimento entre seres humanos e natureza. Isto em si é parte da razão para a crise social mundial. Além disso, o desenvolvimento de valores super-deterministas do mercado gerou uma tendência de “comodificação” da vida, e pôs um preço em tudo, inclusive em nossas aspirações mais criativas.

O *Fireflies* acredita que um entendimento muito rígido do que é

secular, relegou o sagrado a segundo plano e permitiu que fundamentalistas de todo tipo explorassem os campos da experiência e entendimento humanos. A aventura secular deve ser salva do pensamento super-racionalista e super-científico. O que não significa negar a racionalidade ou a ciência. Antes, é a integração do sagrado dentro de suas esferas, e portanto a construção de um secularismo de inclusão.

No *Fireflies* as pessoas riem, cantam, dançam e acreditam na vida afirmando irreverência. Simultaneamente, estas mesmas pessoas lutam por justiça social e renovação ambiental. A meditação é o cimento que liga todos os esforços.



Tupi Arts Vivants

Instalada em Dordogne, na França (France en Dordogne), desde 1994, *Tupi Arts Vivants* é uma companhia que investe na arte como um processo fundamental de socialização e transmissão cultural. Baseada na premissa de que o universo lúdico é inerente a todos, suas criações (performances, representações teatrais, exposições de artes plásticas e atividades análogas) propõem ao público uma participação como

autor e ator das obras e apresentações. É o caso do projeto *Mundos e Dragões*, que será lançado na primavera de 2004, e objetiva promover a interação cultural entre povos de cinco continentes, com diferentes criações que serão realizadas a partir de lendas, mitos e memórias de um tema comum: os dragões e seus mundos.

Contatos: Tupi Arts Vivants, Peyreblanque, 24620. Les Eyzies, France.

Tel/fax: (33) 05 53 06 90 15; *email:* tupi@perigord.tm.fr; *site:* www.perigord.com.



Poço de Vida

Em um novo projeto dirigido para o posicionamento da arte no contexto socio-cultural, um poço aberto e seco ganhou vida para explorar o toque da arte. Trabalhando neste novo terreno para um projeto específico de arte chamado *Muros de Memórias*, estão o artista C.F. John, a dançarina Tripura Kashyap e o fotógrafo Azis T.M. O lugar é o poço aberto situado no campos de Visthar em Dodda Gubbi, Bangalore, Índia.

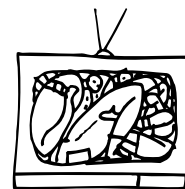
O trio está explorando as várias formas de expressão sociocultural, histórica, física, simbólica e dimensões ambientais relacionadas a tais

poços. Existem aproximadamente 30 poços na região, na sua maioria secos e usados como depósitos de lixo. Este projeto tem como objetivo explorar possibilidades artísticas formais e temáticas de justaposição de elementos a esses locais, usando desenhos, instalações, fotos e performances em torno ao poço.

John está interessado em situar a arte no contexto histórico e sociocultural, seus trabalhos, os quais se desenvolveram a partir desta preocupação, tiveram como foco as fibras naturais—fibras como material e como metáfora. Elas podem ser banana, algodão, contas coloridas, papel de arroz, etc. Como metáfora, elas conectam humanos entre si e com a terra. Na categoria das instalações e trabalhos com a terra, o seu *Silêncio de fúrias e sofrimentos—páginas de uma cidade em chamas* foi um evento de arte baseado nos distúrbios ocorridos na comunidade de Bangalore.

O projeto significou uma interação mais próxima com a comunidade. Os três artistas percorreram a comunidade de Narayanapura conversando com as pessoas. No início foi difícil, mas com o tempo elas foram se abrindo devagar. Como elas percebiam o poço, as canções cantadas enquanto cavavam; foi um resgate de memória após 25 anos de falta de água. O ceramista que olhava para a água, o homem que ca-

vava os poços lembrando um aumento de salário, o agricultor, as mulheres que se reuniam ao redor do poço.... O que se seguiu levou o poço para além do existencialismo, para o campo do simbólico. ‘Um espaço privado, onde as mulheres conversavam cultural e simbolicamente, foi muito importante para estas mulheres’, aponta Tripura. Cada aspecto da vida parecia estar ligado ao poço e à água, fosse durante os festivais, os rituais que viam mulheres banharem-se às três horas da manhã ou coletando água para a preparação de doces. Uma sabedoria rústica falou de quando os poços estavam cheios e as pessoas eram saudáveis, e do fato de que agora, tendo secado, os hospitais estão cheios!



A Child's Eye (um olho de criança), dando voz às crianças carentes

Em Jakarta, Indonésia, *A Child's Eye*—um grupo de ação não-lucrativa—dedica-se a ajudar crianças carentes a expressar seus sentimentos e elevar consciência de sua situação de vida através da arte criativa, educação e projetos de mídia. Estes projetos, por sua vez, levantam fundos para apoiar iniciativas futuras das crianças.

A *Child's Eye* cria ambientes nos quais a opinião dos jovens é valorizada e afirmada, onde a auto-estima, o respeito próprio e o entendimento podem ser desenvolvidos e florescerem.

Ao fazer isto, a *Child's Eye* trabalha para um mundo no qual toda criança— independentemente de sua raça, religião ou gênero— é respeitada como um indivíduo que tem o direito à nutrição física, material, mental, emocional e espiritual, como algo essencial para uma forma de vida pacífica, próspera e humana para todas as gerações.

Em 1999 *A Child's Eye* conduziu um projeto fotográfico com as crianças de rua de Jakarta. Durante um período de três meses, um grupo de trinta e cinco crianças trabalhou juntamente com o fotógrafo britânico Jonathan Perugia, da Imprensa Associada de Jakarta.

Os objetivos foram:

- Equipar as crianças de equipamento fotográfico
- Ensiná-las a usar o equipamento
- Permiti-las fotografar o que desejassem
- Construir uma biblioteca de fotografias representando suas vidas hoje em dia

Jonathan ensinou às crianças técnicas básicas de fotografia e, armadas de cameras Fuji simples, fotografaram cenas de suas vidas coti-

dianas. Elas também escreveram suas próprias legendas para as fotos, e os resultados foram usados para uma exposição na *Galeria Nacional* de Jakarta, mostrando de uma maneira totalmente honesta, como as crianças vivem e exibindo também seus próprios talentos.

David Glass e sua equipe conheceram Jonathan enquanto os *workshops* ainda estavam acontecendo, e o resultado das muitas fotos tiradas pelas crianças foi projetado em uma grande tela durante a *performance* que estas crianças de rua fizeram com o David, dando uma dimensão extra à programação.

Todas as fotos da exposição, juntamente com a história completa de como aconteceram, estão disponíveis no *website* da *A Child's Eye*.



West Kalimantan

O projeto *A Child's Eye* teve continuação em West Kalimantan, e as fotografias tiradas pelas crianças, combinadas com fotografias das áreas de conflito, criaram uma exposição que acontece paralelamente com a performance em Pontianak realizada pelas crianças de lá.

Seguindo isto, a exposição foi aumentada pelas fotos do trabalho *Emsemble* (conjunto) em Pontianak, que foram exibidas em Jakarta

e mais tarde em dois outros lugares na Indonésia e no Reino Unido. Sessenta crianças originárias de ilhas da Malásia, Indonésia e China, em West Kalimantan conduziram uma exposição de suas fotos no museu de Pontianak em Novembro de 2000. Elas eram filhas de motoristas de ônibus, pescadores, produtores de cesta; crianças que haviam deixado a escola ou vindas de campos de refugiados.

A exposição foi o fruto da colaboração entre a *Child's Eye*, uma rede de organizações não governamentais em West Kalimantan e o *Fórum de Voluntários* de West Kalimantan, com o apoio do *Consulado Britânico*.

Apenas com uma câmera de bolso, as crianças dos campos de refugiados tiveram a oportunidade de falar de suas vidas cotidianas: água limpa limitada, cabanas pequenas e doenças.

Em uma, uma criança está agachada segurando um pequeno estandarte que diz: 'Nós amamos a paz/ grupos étnicos/ grupos raciais/ religião.' A legenda diz: 'Este estandarte está sendo segurado por uma criança refugiada que ama a paz. Seu nome é Adam, ele tem 10 anos e ganha a vida procurando comida no lixo.'



Hear our Voice (Ouça nossa Voz)

Durante a *Conferência de Cúpula* em Johannesburgo em 2002 — a instalação de arte *Hear our Voice* foi concebida e organizada pelos *Amigos da Terra*.

O que é a *Hear our Voice*? A *Hear our Voice* teve 3 partes principais:

- 6.000 estátuas de papel machê, cada uma representando milhares de mensagens e barulhos enviados pelos apoiadores.
- Um 'gigante corporativo' construído a partir de lixo industrial: simbolizando o poder que as corporações multinacionais exercem sobre os governos
- Paisagem Sonora: composta de vozes e sons da Terra — um pedido de ação para os líderes do mundo.

A escultura e a paisagem sonora foram instaladas fora do centro de conferência *Earth Summit* durante as falas e apresentadas durante todo o evento. Mais de 200 pessoas das divisões de Johannesburgo cederam seu tempo para a criação de uma escultura biodegradável. Muitas delas são desempregadas e vivem em extrema pobreza. Para alguns, trabalhar na instalação oferece-lhes a chance de um novo começo na aquisição de conhecimento.

“Ser voluntário significa ser produtivo. O que nós precisamos aqui é desenvolver habilidades para que possamos gerar nosso meio de sobrevivência, e isso é o que o projeto faz.”



Projeto Urgência Nas Ruas

Histórico do Núcleo

Teatro e hip-hop: o diálogo

(Início do projeto *Urgência nas Ruas*: outubro de 2002)

O *Núcleo Bartolomeu de Depoimentos da Cooperativa Paulista de Teatro* nasceu há quatro anos. O primeiro projeto do grupo foi o espetáculo *Bartolomeu que será que nele deu?*, dirigido por Georgette Fadel. O segundo espetáculo, *Acordei que sonhava*, livre adaptação de *A vida é sonho* de Calderón de la Barca, dirigido por Claudia Schapira. Há um ano o núcleo vem desenvolvendo intervenções pela lei de fomento nas ruas, dirigidas e escritas por Claudia Schapira

O *Núcleo Bartolomeu de Depoimentos* tem como pesquisa de linguagem o diálogo entre a cultura hip-hop (com a contundência da autorepresentação como discurso artístico) e seus elementos: a dança de

rua/break; o dj—música; o mc/rapper, responsável e criador do improviso que gera ritmo e poesia—rap; artes gráficas/grafite—feito pelo artista de rua; e o teatro épico e seus recursos: o caráter narrativo, apoiado por uma dramaturgia que se configura depoimento do processo histórico; como instrumento que elucida uma concepção do mundo, e coloca o ator-narrador em face a si mesmo como objeto de pesquisa; como homem mutável; homem em processo, fruto do raciocínio, da reflexão.

O *Núcleo* acredita no ator-mc (artista nascido desse casamento estético), como potente interlocutor entre a verdade nua e crua do dia-a-dia e a obra de arte.

Tendo a legitimidade das ruas como um dos mais fortes pontos em comum, essa fusão de linguagens se afirma como terreno ideal para a expressão e reflexão sobre o mundo: seus conflitos, seus fatalismos, inoperâncias, aspirações e utopias.



Apresentação do projeto

Depois de dois projetos consecutivos concebidos e finalizados em espaços cênicos “convencionais” (entenda-se por convencionais espaços fechados, já que o *Núcleo* já se apresentou em teatro de arena

e quadras), o *Núcleo Bartolomeu de Depoimentos*, decidiu continuar a pesquisa quebrando “todas as paredes”. Numa época onde levar público ao teatro (em especial a um teatro de pesquisa, de resistência) é quase uma façanha, esta decisão parte da vontade de estreitar os laços com o espectador, de revelar ao público o caráter urgente desta manifestação artística que age e se expressa como crônica do cotidiano, como relator e delator do tempo que lhe cabe viver. “Re-ligar” o espectador ao teatro que perdeu seu caráter essencial: a sua função social de rito, de fórum de debates da *polis* e das questões existenciais do homem, de entretenimento numa relação corpo a corpo.

Escolhe a rua (mais precisamente o centro da *urbis*), “épica arena de contradições humanas”, como objeto de estudo e cenário da pesquisa. E o homem urbano como público em potencial das obras-manifesto que realizará neste local.



Objetivo do projeto

A idéia não é fazer teatro de rua e sim experimentar a obra de arte acontecendo no momento em que é gerada, na relação imediata com o público e finalizando ali, no ato puro, a sua trajetória; seu “nasci-

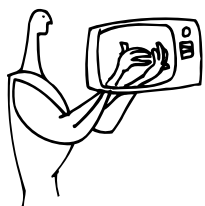
mento” e “morte”. A possibilidade de criar “incidentes artísticos” que provoquem e estimulem os sentidos, que divirtam e instiguem a reflexão, flagrada em sua fugacidade (caráter efêmero do teatro). Provocar o espectador a interagir, a receber a obra de arte sem preparo nem contexto específicos, dessacralizando a própria obra e colocando este espectador diante da responsabilidade que a sua participação exige.

Por outro lado, preparar os artistas envolvidos na pesquisa a conceberem e concluírem a sua criação ali, diante de 1, 100, 1000 espectadores. Preparar esses artistas para surpreender a cidade, para serem surpreendidos por ela, pelos seus sons, pela sua paisagem, pelo seu discurso, fazendo desse material, matéria prima do instante. Deglutir o entorno, reelaborando o seu depoimento, o seu ser, a partir da interação.

Assumir a criação cênica como manifesto. Destruir as “máscaras”. Ser a própria obra.

É importante ressaltar que uma das características do *Núcleo Bartolomeu de Depoimentos* é ser formado por artistas de diferentes áreas, reunidos em torno do teatro, e a troca de conhecimento, assim como a troca de funções, ampliando o campo de ação de cada artista envolvido.

Contatos: Claudia Schapira. tel. 3063-4262. Roberta Estrela D'Alva. tel. 9612-1684
Luua Gabanini. tel. 9776-7572



CECIP
Centro de Criação de Imagem Popular
Comunicação e Educação para o
Desenvolvimento Humano

Em meados de 1996, o educador Paulo Freire, um dos fundadores do CECIP, foi convidado a falar num seminário internacional sobre mídia e democracia. Os participantes eram profissionais relacionados à comunicação, principalmente comunicação por meios audiovisuais. Havia, no encontro, grande diversidade sociocultural, pessoas de todos os continentes, estrelas da mídia — como Washington Novaes, Alberto Dines, Carlos Castilho — e estudiosos — como Muniz Sodré, entre outros. Paulo falou para um auditório repleto, no que foi certamente o momento mais emocionante daquele seminário.

A questão colocada naquele momento a Paulo Freire representa um dos vetores da atuação do CECIP: provocar mudanças que nos aproximem cada vez mais de uma sociedade justa, equânime e feliz. O trabalho do CECIP busca caminhos que possam resgatar a auto-estima de setores hoje marginalizados, ajudando-os a compreender nossa realidade, a participar ativamente na formulação e

implementação de soluções viáveis e a sentir-se ator das transformações que devem acontecer. Trata-se de construir a cidadania. De democratizar a informação.

O CECIP tornou-se conhecido pelos seus produtos audiovisuais, documentários que já lhe renderam mais de sessenta prêmios em festivais internacionais e nacionais. O reconhecimento público se estende aos “kits” educativos, que tratam de questões cujo denominador comum é o dos direitos de cidadania: o preconceito racial na escola brasileira; a educação em saúde para adolescentes; a informação sobre AIDS e HIV para crianças e adolescentes em situação de rua, ou desfavorecidos em ambiente urbano, ou qualquer outro eufemismo que se queira dar a algo que não pode mais continuar; a relação com a questão ambiental; e tantos outros.

Tudo começou com uma “televisão” de rua, a *TV Maxambomba*, que percorria as praças da Baixada Fluminense, Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Num telão instalado sobre uma kombi projetavam-se os programas feitos com e para a população. As pessoas saíam de casa ao anoitecer — apesar da hora da novela em suas próprias televisões — para ir à praça, assistir coletiva e alegremente a programas que refletiam diretamente sua realidade e interesses. Com uma vantagem

adicional, a de poder discutir ao vivo, com sua imagem projetada no telão, o que acabavam de ver.

As primeiras atividades nas escolas foram mostras de vídeos sobre questões como sexualidade, gravidez na adolescência, drogas, violência, cidadania, etc. Logo, os adolescentes quiseram aprender a manejar a câmera e “escrever” sua realidade, o que despertou o interesse pela escola, pelas bibliotecas, pelas discussões e pelos temas discutidos.

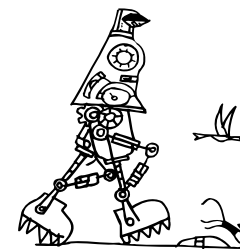
Enquanto isso acontecia, o CECIP realizava, em co-produção com televisões estrangeiras, documentários sobre nossa realidade, com um pé no chão popular e outro na ponta da tecnologia e do profissionalismo. Logo o CECIP desenvolveu uma metodologia própria e precisou preparar profissionais para aplicá-la. Foi realizado então o *1ª Curso de Facilitadores de Mudanças Educacionais*, que teve a duração de dois anos, e permitiu ao CECIP também este serviço que é complementado pelo uso dos materiais que produzimos.

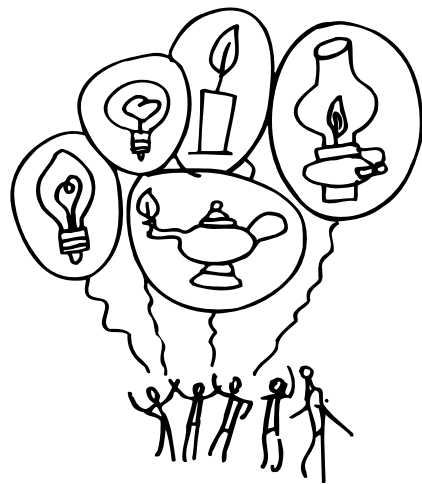
A mais recente experiência do CECIP, com o projeto *Direitos são pra valer*, é juntar atividades dentro da escola com ações através de meios de comunicação de massa. Ao mesmo tempo, vídeos para utilizar em sala de aula (com capacitação para os professores poderem utilizar), cartazes em ônibus e metrô e spots em canais de televisão

explicam que está na hora de deixar de disfarçar o preconceito racial, que é um problema não somente da comunidade negra neste país, mas de toda a sociedade brasileira. A ação continua dentro das escolas, num projeto piloto que deverá estender-se ao resto do país.

Contatos: Claudius Cececon, Diretor Executivo do CECIP

telefone: (21) 2509 3812 e-mail cecip.ong@uol.com.br





Propostas

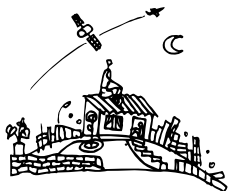


Encontros

Dar continuidade aos encontros de artistas da *Aliança*: mundiais, nacionais e regionais/locais, buscando:

- Criar espaços de reflexão e intercâmbio entre os artistas, com o objetivo de potencializar seus compromissos sociais.
- Promover intervenções e diálogos artísticos para populações excluídas.
- Criar alternativas artísticas para crianças e jovens, principalmente em lugares carentes.
- Desconstruir preconceitos relativos a etnias, opções sexuais, classes sociais, relações de gênero etc., através da arte.
- Introduzir a dimensão da arte integrada à educação.

- Mapear, em cada país, experiências sociais que utilizam a arte como linguagem.
- Apresentar as propostas da *Rede Mundial Artistas em Aliança* em escolas, sindicatos, ONGs, universidades etc.
- Estimular a criação de redes de cooperação de pintores, escritores, cineastas etc, nos países onde a *Aliança* está presente.
- Promover apresentações transculturais de música. Por exemplo: apresentação de ritmos indianos para uma comunidade negra e vice-versa.



Comunicação

- Debater temas relevantes na *Rede Mundial de Artistas* através do *Fórum Eletrônico*, a exemplo do que aconteceu, de fevereiro a março de 8, com o tema *Arte e identidade cultural na construção de um mundo solidário*.
- Criar uma revista que sirva de estímulo ao debate de temas relativos à arte e à cultura, contendo poemas, contos, artigos, fotografias etc. dos artistas da *Aliança*.

- Enriquecimento do *website* da *Aliança* com textos sobre arte e cultura, para fortalecer a rede de artistas.
- Criar novas formas de comunicação dos artistas com a sociedade, pela sensibilização através de sons (como o exemplo dos *Tambores da Paz*), sem a interferência direta da palavra, que ressaltem valores de união, harmonia e cooperação.
- Ocupar espaços nos meios de comunicação para dar maior visibilidade a temas relevantes que não são contemplados pela mídia.
- Estimular a criação de meios de comunicação alternativos.
- Divulgar as propostas da *Aliança* nos meios de comunicação alternativos e na mídia.
- Formar um grupo de suporte eletrônico para facilitar a comunicação entre artistas.



Intercâmbio

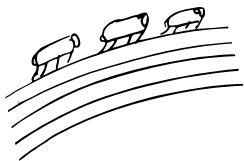
- Promover intercâmbios entre países e regiões.
- Realizar *Caravanas Culturais* com mensageiros de diversos países para estimular as trocas interculturais, com atividades artísticas e pesquisa de histórias, imagens etc.
- Estimular a criação de redes para mapear e divulgar tradições populares.
- Trocar experiências entre arte-educadores que trabalhem com populações excluídas.
- Realizar encontros e seminários de agentes culturais públicos que trabalhem com comunidades.
- Estimular a formação de redes de artistas e encontros de linguagens específicas (dança, música etc).



Formação

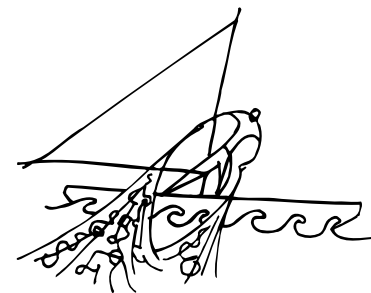
- Criar espaços para o aprendizado, debate e vivência de experiências estéticas.
- Ocupar espaços institucionais (escolas, centros culturais, conselhos comunitários, etc.) para reflexões e vivências artístico-culturais.
- Estimular a criação e a distribuição da arte e da cultura.
- Tornar o nosso trabalho disponível para o maior número de pessoas através de exposições transculturais, leituras, debates, intercâmbios individuais e institucionais, viagens e vivências.
- Desenvolver ações coletivas e compartilhadas dos artistas visando a conquista de espaços alternativos de circulação das obras de arte.
- Estimular a criação de fundos de apoio à produção artística.
- Desenvolver pedagogias que estimulem a criatividade de adultos e crianças.
- Realizar pesquisas que identifiquem caminhos alternativos de circulação, afirmação e reconhecimento da arte, contribuindo para a libertação da arte e da produção cultural da exploração do mercado.
- Elaborar políticas culturais que democratizem a criação artística e o acesso a um consumo de qualidade da arte.

- Estimular a formação de espaços públicos para criação e fruição da arte.
- Criar espaços, canais e formas de relação mundiais que garantam a comunicação e a circulação do que é produzido em cultura.
- Identificar formas de socialização que relacionem a produção artística com a liberdade humana.



Cultura da paz

- Realização de encontros com o tema *Arte e Cultura da Paz*.
- Animação e multiplicação dos *Tambores pela Paz*, estimulando a criação de uma Sinfonia Intercultural pela Paz, em caráter permanente.
- Realização de encontros públicos e *Conversas de Rua* (como as que são realizadas no Brasil) sobre a “cultura da paz”.
- Leituras de textos e poemas que refiram-se à paz, em lugares públicos e escolas.
- Caminhadas pela paz.





Notas



1. CASTORIADIS, Cornelius. “Via sem saída?”. In: **O mundo fragmentado — As encruzilhadas do Labirinto/3**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p. 106-107.
2. **Carta aos Candidatos**. Documento elaborado pelo Fórum Intermunicipal de Cultura, Pólis, 1999, p. 1.
3. COELHO, Eduardo Prado. **Jornal do Brasil**. Cadernos Idéias, 3 mar. 1991, p. 4.
4. IANNI, Octavio. **Futuros e utopias da modernidade**. Texto digitado, São Paulo, 11 abr. 2001.
5. WIESEL, Elie. “Prefácio”, in **A intolerância**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998, p. 7.
6. CALVINO, Ítalo. **Seis propostas para o próximo milênio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 90-1.
7. BUARQUE, Cristovam. “Os círculos dos intelectuais”. In: **Ética**. Brasília: UNB, 2000, p. 94.

8. Notícia do jornal **O Globo**. Rio de Janeiro, 17 ago. 2001.
9. “A cultura desafia a realidade”. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 11 ago. 2001, Caderno B.
10. BUARQUE, Cristovam. “Os círculos dos intelectuais”. In: **Ética**. Brasília: UNB, 2000, p. 98.
11. PAZ, Octavio. **Los signos en rotación y otros ensayos**. Madri: Alianza Editorial, 1971, p. 308.
12. BORGES, Jorge Luis. **Esse ofício do verso**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 14.
13. NIETZSCHE, Friedrich. **O nascimento da tragédia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 56.
14. BORGES, Jorge Luis. op.cit, p. 23.
15. FONTELES, Bené. **A função da arte**. Texto digitado, Brasília, 2002.
16. KOLAKOWSKI, Leszek. **A presença do mito**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1972, p. 33.
17. MERCER, Kobena. “Welcome to the jungle”. In: RUTHERFORD, J., org. **Identity**. Londres: Lawrence and Wishart, 1990; In: HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1999, p. 9.
18. GIDDENS, Anthony. **The Consequences of Modernity**. Cambridge: Polity Press, 1990. In: HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1999, p. 15.
19. HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1999, p. 75-6.
20. ECHEGARAY, Miguel Àngel. **La globalización del guetto**. Texto digitado, México, fev. 2001.

21. IANNI, Octavio. **Futuros e utopias da modernidade**. Texto digitado, São Paulo, 11 abr. 2001.
22. JAEGER, Werner. **Paideia**. México: Fondo de Cultura Económica, 1957, p. 48.
23. PAZ, Octavio. **Convergências**. Rio de Janeiro, Rocco, 1991, p. 97.
24. Idem, ibidem, p. 103.
25. Os dois depoimentos estão no Caderno B do **Jornal do Brasil**, de 11 de agosto de 2001, em reportagem intitulada “A cultura desafia a realidade”.
26. GRASSI, Ernesto. **Arte como antiarte**. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1975, p. 19.
27. OSTROWER, Fayga. “Por que criar?”. In: **Fazendo artes**. FUNARTE, 1983, N. zero, p. 8.
28. SABATO, Ernesto. **Cambio 16**. N. 1.006, 27.04.92.
29. O *Chantier* é uma rede de pessoas com interesses comuns: artistas, ecologia, relações de gênero, educação etc., que promove atividades ligadas ao projeto comum da *Aliança* de construir um mundo plural, solidário e responsável.
30. O *Colégio* reúne grupos de profissionais de uma mesma categoria interessados em elaborar propostas comuns em sua área específica de atuação.





Isis de Palma *Brasil*
Ivan Paolo *Brasil*
Janaina Mattos *Brasil*
Jane Falcoski *Brasil*
Jess Santiago *Filipinas*
Jiang Jie *China*
João das Neves *Brasil*
José Carlos Vaz *Brasil*
José Gomes Sobrinho *Brasil*
José Pedro Renzi *Brasil*
José Roberto Shwafaty Siqueira *Brasil*
Judite B. Haschich *Brasil*
Kin Dodge *Nigéria*
Lauro Monteiro *Brasil*
Leila Maria da Silva Blass *Brasil*
Liu Jun *China*
Luiz Mario Vicente *Brasil*
Magali Oliveira Kleber *Brasil*
Makarand Paranjape *Índia*
Marcelo Bicalho *Brasil*
Marco Aurélio Luz *Brasil*
Maria Machado *Brasil*
Maria Ercília do Nascimento *Brasil*
Maria Lúcia Vidal *Brasil*
Maria Rosa de Mattos Cláudio *Brasil*
Marika Gidali *Brasil*
Marilyn Douala Bell Schaub *Camarões*
Marta Lúcia de Arruda Pereira *Brasil*
Mestre Brasília *Brasil*
Mestre Valdeck de Garanhuns *Brasil*
Michel Sauquet *França*



Miguel Angel Echegaray *México*
Muepu Muamba *Congo/Alemanha*
Narcimária Luz *Brasil*
Nicholas Anastassopoulos *Grécia*
Octávio Ianni *Brasil*
Olivier Petitjean *França*
Omar Meziani *Brasil*
Patrícia Gaturamo *Brasil*
Pauline Alphen *França*
Pedro Garcia *Brasil*
Pedro João Cury *Brasil*
Priscila Inácio *Brasil*
Ricardo Silva Kubrusly *Brasil*
Rute Casoy de Queiroz *Brasil*
Sandro Roberto *Brasil*
Sebastião Soares *Brasil*
Silvana Lamana Cupaiolo *Brasil*
Sílvia Segantini *Brasil*
Sônia Oliveira *Brasil*
Sureshwar D. Sinha *Índia*
Susi Bueno da Silva *Brasil*
Tereza Maria Salles da C. Lima *Brasil*
Toni Faria *Brasil*
Valmir de Souza *Brasil*
Vanda Chalyvopoulou *Grécia*
Vera Salles *Brasil*
Willian Chicarelli *Brasil*
Zurab Kikodze *Geórgia*

contatos: alianca@saopaulo.org.br

